

---

**IMB** - INSTITUTO MAURO BORGES  
DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

---



# A INDÚSTRIA EM GOIÁS: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

ESTUDOS DO IMB

---

Novembro - 2017

**SEGPLAN**

SECRETARIA DE ESTADO DE  
GESTÃO E PLANEJAMENTO

---





**GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS**

Marconi Ferreira Perillo Júnior

**SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO E PLANEJAMENTO**

Joaquim Cláudio Figueiredo Mesquita

**SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO**

Paula Pinto Silva de Amorim

**INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS**

Lillian Maria Silva Prado

---

**IMB - INSTITUTO MAURO BORGES**  
DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

---

Unidade vinculada à Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás, o IMB é responsável pela elaboração de estudos, pesquisas, análises e estatísticas socioeconômicas, fornecendo subsídios na área econômica e social para a formulação das políticas estaduais de desenvolvimento. O órgão também fornece um acervo de dados estatísticos, geográficos e cartográficos do Estado de Goiás.

---

**Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais**

Rui Rocha Gomes

**Gerência de Contas Regionais e Indicadores**

Dinamar Maria Ferreira Marques

**Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas**

Eduiges Romanatto

**Gerência de Pesquisas Sistemáticas e Especiais**

Marcelo Eurico de Sousa

**Gerência de Cartografia e Geoprocessamento**

Carlos Antônio Melo Cristóvão



**Instituto Mauro Borges**

Av. República do Líbano nº 1945 - 4º andar  
Setor Oeste – Goiânia – Goiás - CEP 74.125-125  
Telefone: (62) 3201-6695/8481  
Internet: [www.imb.go.gov.br](http://www.imb.go.gov.br), [www.segplan.go.gov.br](http://www.segplan.go.gov.br)  
e-mail: [imb@segplan.go.gov.br](mailto:imb@segplan.go.gov.br)

Novembro - 2017



**ESTADO DE GOIÁS**  
**SECRETARIA DE GESTÃO E PLANEJAMENTO**  
**INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - IMB**

---

**A INDÚSTRIA EM GOIÁS: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA HISTÓRICA**

---

**Sérgio Borges Fonseca Júnior<sup>1</sup>**

**Eduiges Romanatto<sup>2</sup>**

**GOIÂNIA**  
**Novembro de 2017**

---

<sup>1</sup> Pesquisador em Economia do IMB. Mestre em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia. sergio-bfj@segplan.go.gov.br

<sup>2</sup> Gestor de finanças e controle do estado de Goiás. Mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: eduiges-r@segplan.go.gov.br



## SUMÁRIO

Introdução .....	17
1 Os anos de 1947 a 1969.....	18
2 Os anos de 1970 e 1980.....	28
3 Os anos 1980 a 2000 .....	36
4 Os anos 2000 a 2014 .....	46
4. Considerações Finais.....	56
Referências .....	58
Apêndice.....	61





## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Participação relativa dos VAs setoriais no Produto Interno Líquido em Goiás, de 1948 a 1969 e sua média. ....	20
Gráfico 2: Estrutura do VA industrial goiano, em 1970, 1975 e 1980.....	29
Gráfico 3: Estrutura do VA industrial de Goiás (gráfico superior) no período de 1985 a 2001. ....	39
Gráfico 4: Estrutura do VA industrial de Goiás e Brasil no período de 2003 a 2014. ....	48
Gráfico 5: Estrutura do consumo de energia elétrica em Goiás em 2016. ....	55



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participação relativa do VA da Indústria goiana no nacional, no período de 1947 a 1969...	19
Tabela 2: <i>Ranking</i> do VA da Indústria de Goiás. ....	20
Tabela 3: Informações diversas sobre setor industrial em Goiás e Brasil, 1970.....	21
Tabela 4: Produtos selecionados da Indústria em Goiás (em Cr\$ mil) e participação relativa no Brasil (em %). ....	21
Tabela 5: Pessoal Ocupado em Goiás e Brasil em diversas atividades do setor industrial, 1948.....	22
Tabela 6: Malha viária em Goiás e Brasil, 1954 e 1972.....	24
Tabela 7: Ranking de consumo de energia elétrica na modalidade industrial. ....	24
Tabela 8: Participação relativa do consumo de energia elétrica industrial no total de consumo.....	25
Tabela 9: Participação relativa do consumo de energia elétrica industrial de Goiás no nacional no período de 1961 a 1970 (em %). ....	25
Tabela 10: Potência de geração de energia elétrica instalada em 1972 (em kW). ....	26
Tabela 11: Participação relativa (em %) dos municípios com maior participação no valor da produção e pessoal ocupado na indústria em Goiás, em 1940, 1950 e 1960.....	27
Tabela 12: Participação relativa do VA da Indústria goiana no nacional, nos anos de 1970, 1974-1980. ....	29
Tabela 13: Valor da Produção por atividades industriais em Goiás e Brasil, 1975 e 1980 (em Cr\$ mil). ....	30
Tabela 14: Participação relativa (%) do pessoal ocupado em Goiás em 1970 e 1980.....	31
Tabela 15: Pessoal ocupado por atividades industriais em Goiás e Brasil, 1975 e 1980.....	32
Tabela 16: Consumo de energia em Goiás e Brasil, 1975 e 1980. ....	33
Tabela 17: Participação relativa (em %) por atividades dos municípios com maior participação no VA da indústria de Goiás e índice de Gini, 1970, 1975 e 1980.....	35
Tabela 18: Participação relativa do VA industrial goiano e de suas atividades no nacional, no período de 1985 a 2001.....	38
Tabela 19: Quantidade e participação relativa (%) do número de empregos formais, nas atividades econômicas, em Goiás e no Brasil, em 1985, 1995 e 2000.....	40
Tabela 20: Participação relativa (em %) do número de empregos formais de Goiás no Brasil em 1985, 1995 e 2000.....	41
Tabela 21: Participação relativa (em %) municipal no número de empregos formais da indústria, atividade extrativa mineral, transformação, serviços de utilidade, no estado, em 1985 e 2000.....	42
Tabela 22: Consumo de energia em Goiás e Brasil, 1985, 1995 e 2000. ....	43
Tabela 23: Participação relativa (em %), por atividades, dos municípios com maior participação no VA da indústria de Goiás e índice de Gini, 1985, 1996 e 2000.....	45
Tabela 24: Participação relativa do VA da indústria goiana e de suas atividades no nacional, no período de 2002 a 2014. ....	47
Tabela 25: Participação relativa (%) do número de empregos formais em Goiás e no Brasil em 2002, 2010 e 2014.....	49

Tabela 26: Participação relativa (em %) do número de empregos formais de Goiás no Brasil em 2002, 2010 e 2014.....	50
Tabela 27: Participação relativa (em %) municipal no número de empregos formais em Goiás da indústria, atividades extrativa mineral, transformação, serviços de utilidade em 2002 e 2014.....	51
Tabela 28: Participação relativa (em %) por atividades dos municípios com maior participação no VA da indústria de Goiás e índice de Gini, 2002, 2008 e 2014. ....	53
Tabela 29: Valor da Transformação Industrial em Goiás e no Brasil (em R\$ mil), participação relativa de Goiás no VTI nacional (em %), ranking, taxas de crescimento nominal e real estimado.....	53
Tabela 30: Estrutura da Indústria do Estado de Goiás (participação no VA) .....	55

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Principais setores da indústria goiana a partir do valor da transformação industrial. .... 54



## APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (Segplan), através do Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB), apresenta estudo sobre o setor de indústria goiano em uma perspectiva histórica.

O objetivo desse estudo é apresentar e discorrer sobre dados do setor econômico de indústria goiano, buscando sempre tornar os dados de diferentes períodos e fontes de informações, tais como anuários, base de dados online, entre outros, o mais comparável possível.

Além disso, o estudo não se deteve à mera análise descritiva dos dados, buscando sempre estabelecer o cotejamento entre a economia brasileira e os dados obtidos.

A justificativa desse estudo é preencher uma importante lacuna em Goiás, que consiste em reunir em um único documento informações dispersas e ainda pouco analisadas sobre este setor econômico goiano.

Ressalta-se que este trabalho fecha uma série de estudos, com base em uma perspectiva histórica, sobre os três grandes setores econômicos goianos: agropecuária, serviços e indústria.





## Introdução

Na divisão do Produto Interno Bruto (PIB) em grandes setores, as nações com as maiores economias contam com uma maior participação relativa do setor de serviços, seguido pelo setor industrial e, por último, da agropecuária. Dados do Banco Mundial mostram que, em 2016, nos EUA, China e Japão, o setor da indústria respondeu por respectivamente 20%, 39,8% e 28,9% do PIB destes países.

No Brasil e em suas diversas unidades da Federação, inclusive Goiás, esta estrutura se mantém, uma vez que o setor da indústria representou no ano de 2014 – dado mais recente do PIB em nível nacional – em Goiás e no Brasil, 23,8% do PIB.

Além de apresentar elevada participação relativa na estrutura do PIB, a indústria é um setor importante na geração de empregos. Geralmente é o setor que oferece as maiores remunerações, responde também pela absorção de uma importante parcela de mão de obra de profissionais com maior nível de escolaridade.

Ademais, para além de estatísticas pontuais, é preciso entender que a indústria é o setor mais encadeado com os demais setores econômicos, de modo que o desempenho dos demais setores está diretamente atrelado ao desempenho do setor industrial. Assim, de acordo com Hirschman (1958), o efeito de encadeamento faz com que a criação de uma determinada empresa seja maior do que o seu efeito individual, pois representa concomitantemente a criação de elos para trás, com uma gama de fornecedores, e para frente com inúmeros compradores.

Além disso, sabe-se que o setor industrial é o grande propulsor do desenvolvimento de novas tecnologias. Nesta direção, Schumpeter (1977) alega que na tentativa de se diferenciar para sobreviverem no mercado, as empresas estão permanentemente inovando, modificando as suas estruturas produtivas, lançando novas tecnologias. Desta forma, o setor industrial acaba sendo determinante na dinâmica dos demais setores, pois é a partir dele que são desenvolvidos novos produtos e tecnologias que podem ser utilizadas na agropecuária e no setor de serviços.

Porém, ao se discutir a dinâmica da indústria nacional dentro de um contexto das trajetórias e marcos teóricos da economia brasileira, abre-se um amplo debate com posições altamente antagônicas. Neste âmbito é necessário considerar que o desenvolvimento da mesma se deu em uma posição periférica à dos grandes centros capitalistas, o que de certa forma afetou a estrutura industrial da economia nacional, e conseqüentemente das economias regionais (MELLO, 1990).

Dito isso, é preciso cautela ao se comparar a indústria nacional à externa, sobretudo no debate recente que diz respeito à baixa produtividade nacional, pois cada país teve uma inserção diferente no capitalismo. Todavia, a pretensão deste trabalho não está em adentrar neste vasto campo teórico e multifacetário.

Em resumo, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise em perspectiva histórica da indústria em Goiás, a partir de 1947 até o ano de 2014. Este período de análise se deve à disponibilidade e à fidedignidade de dados disponíveis. Em relação à subperiodização, esta foi realizada com o intuito de manter a comparabilidade entre os dados e informações utilizadas. Para manter a consistência entre as subseções, foram realizados diversos tratamentos, como o

deflacionamento e interpolação de séries, visando dar possibilidade comparativa em diferentes períodos. O ano de 2014 foi estabelecido como limite temporal superior levando em conta os dados de PIB mais recentes disponibilizados à época da elaboração deste trabalho.

Por fim, é importante compreender que diferentemente de outros trabalhos, a periodização utilizada neste estudo foi determinada sobretudo através dos dados e informações disponíveis, e não necessariamente a partir da dinâmica dialético-histórico do desenvolvimento desta atividade em Goiás.<sup>2</sup>

## **1 Os anos de 1947 a 1969**

A partir da década de 30, uma importante inflexão acontece na economia nacional, consistindo na mudança de uma economia reflexa, cujo desempenho era determinado pelo setor externo, para uma economia em que a força motriz passa a ser, cada vez mais, o mercado interno (TAVARES, 1977).

Nesta década, o governo de Getúlio Vargas passou a implementar ações com intuito de promover uma maior integração da economia nacional. Houve, assim, a criação de diversas estradas que estimularam um maior fluxo comercial, tornando o mercado interno cada vez mais o centro dinâmico da economia nacional.

Convém salientar que antes de 1930 a economia nacional ainda era predominantemente rural, sendo a agropecuária a atividade de maior participação no VA e responsável pelo maior número de empregos. Todavia, inicia-se um período de transição, em que, progressivamente, indústria e serviços passam a ganhar cada vez mais espaço na estrutura econômica nacional.

O efeito de tais ações poderá ser sentido somente em décadas posteriores. Assim, em Goiás, as décadas de 50 e 60 retratam uma economia que passa a ser, paulatinamente, mais integrada à economia nacional.

A tabela 1 mostra que, entre 1947 e 1969, a participação relativa do VA da indústria goiana no nacional apresentou comportamento bastante errático. Assim, entre os anos de 1950 e 1965, visualiza-se ligeiro incremento desta participação e, posteriormente, movimentos periódicos, alterando-se entre anos de retração e crescimento desta participação, até o ano de 1969.

Esta ausência de tendência, verificada nessa série, está diretamente atrelada ao fato de que a atividade industrial em Goiás era ainda bastante incipiente, diferente de estados da região Sul e Sudeste, onde essa atividade tornava-se, gradativamente, mais bem delineada. Por exemplo, nesse período, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais concentravam, em média, mais do que 3/4 de todo o VA da atividade industrial.

---

<sup>2</sup> Para uma abordagem com periodização definida de acordo com a dinâmica da indústria goiana, sugere-se a leitura de Arriel (2017).

Tabela 1: Participação relativa do VA da Indústria goiana no nacional, no período de 1947 a 1969.

Ano	Participação relativa (em %)
1947	0,32
1948	0,34
1949	0,35
1950	0,31
1951	0,28
1952	0,28
1953	0,26
1954	0,23
1955	0,24
1956	0,26
1957	0,30
1958	0,30
1959	0,40
1960	0,38
1961	0,35
1962	0,31
1963	0,36
1964	0,40
1965	0,48
1966	0,32
1967	0,41
1968	0,34
1969	0,40

Fonte: Produto Interno Líquido a custo de fatores (FGV).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan-GO / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Embora não houvesse uma grande ampliação da participação relativa do VA industrial de Goiás no nacional, a tabela 2 revela uma melhora expressiva de Goiás no *ranking* nacional. Em 1947, Goiás figurava na penúltima posição dentre as 20 unidades da Federação que apresentavam VA na atividade industrial, passando para a 12<sup>o</sup> colocação no *ranking* em 1969.

Porquanto, o incremento de 0,08 ponto percentual (p.p.) e a evolução no *ranking*, entre os anos de 1947 e 1969, reflete que em um contexto no qual a atividade industrial era predominantemente concentrada na região Sul e Sudeste, Goiás, ainda que timidamente, passou a ter pequenos avanços no setor industrial em sua estrutura econômica.

De certa forma, essa melhora está relacionada às políticas econômicas implementadas pelo governo federal que promoveram uma maior integração econômica das diversas unidades da Federação. Goiás, por conta de sua localização estratégica, foi amplamente beneficiado, conseguindo, assim, aproveitar o contexto nacional e incrementar suas atividades econômicas.

Tabela 2: *Ranking* do VA da Indústria de Goiás.

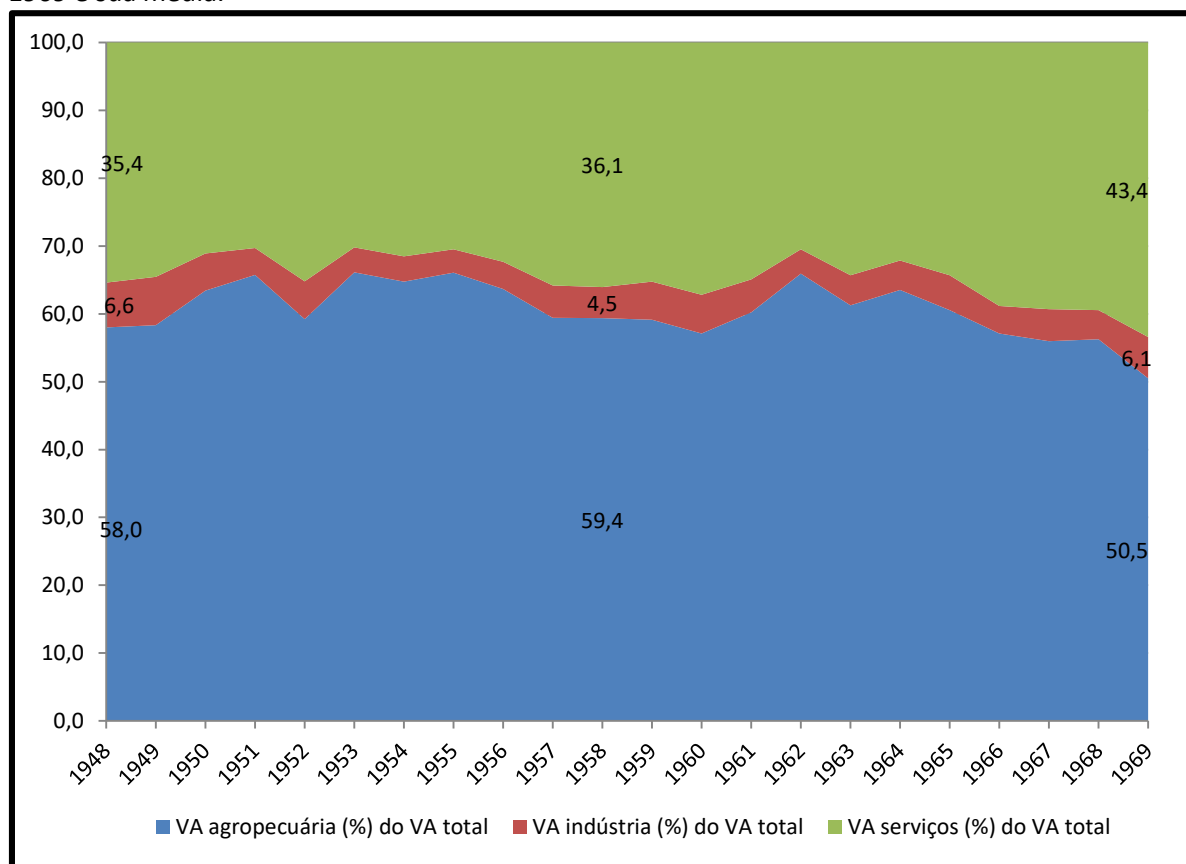
Segmento	1947	1969	Média 1947-69
Número de UFs com VA industrial	20	21	Antes de 1960 (20 UFs), após 1960 (21 UFs)
Posição de Goiás	19º	12º	16º

Fonte: Produto Interno Líquido a custo de fatores (FGV).

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan/Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Nesse contexto, o gráfico 1 mostra que, em Goiás, a agropecuária era a atividade mais representativa para o VA goiano, o que faz com que as principais atividades dos segmentos industrial e de serviços, que se consolidavam, tivessem forte relação com a agropecuária.

Gráfico 1: Participação relativa dos VAs setoriais no Produto Interno líquido em Goiás, de 1948 a 1969 e sua média.



Fonte: Produto Interno Líquido a custo de fatores (FGV).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 3 corrobora a ideia de que o setor industrial em Goiás era muito embrionário. Visualiza-se que havia poucos estabelecimentos, pessoal ocupado e que o valor da transformação industrial era pouco expressivo no contexto nacional.

Tabela 3: Informações diversas sobre setor industrial em Goiás e Brasil, 1970.

	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
Estabelecimentos Industriais	1.021	71.984	1,4
Pessoal total	13.512	2.509.615	0,5
Pessoal ligado a produção	10.935	2.154.146	0,5
Valor Bruto da Produção (*)	720.424	116.392.218	0,6
Valor da transformação industrial (*)	206.212	56.867.458	0,4

Fonte: IBGE (1970).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: (\*) Em cruzeiros de 1970 (Cr\$ 1.000).

A tabela 4 mostra que os produtos mais importantes da incipiente indústria goiana, nos anos 40 a 70, eram ligados à alimentação e à atividade extrativa vegetal e mineral. Dados do ano de 1947 sugerem que Goiás apresentava expressividade nas atividades de produção de couro, extração de sebo e toucinho, e principalmente na produção de manteiga, que chegava a 10% da produção nacional.

Em 1954, nota-se que Goiás se destacava em atividades ligadas à extrativa mineral, como a extração de cristal rocha e minério de cromo, com participação na produção nacional de, respectivamente, 64,5% e 69,0%.

Segundo Motter (2015, p. 01), “na década de 40, a produção de cristal rocha dinamizou a economia da Região Norte de Goiás, atual estado do Tocantins. O cristal rocha era extraído e exportado para a fabricação de componentes eletrônicos destinados a sonares, transmissores de rádio, telegrafia e telefonia”. Embora houvesse este destaque, Faleiro (2010) destaca que “a forma de exploração das jazidas era muito irregular, com grande variação na produção de um ano para o outro”.

Nos anos de 1970, destacam-se as atividades ligadas à fabricação de produtos alimentícios, tais como a produção de carne bovina e suína. Além disso, as atividades extrativas minerais de calcário, manganês e principalmente a produção de amianto respondiam por quase toda produção nacional. Destaque também para os produtos derivados da atividade pecuária, tais como o processamento do couro e extração de banha.

Tabela 4: Produtos selecionados da Indústria em Goiás (em Cr\$ mil) e participação relativa no Brasil (em %).

Ano	1947	1954	1970
Mica	180 (0,03)	15 (0,04)	(***)
Babaçu	1.000 (0,55)	10.995 (2,8)	(***)
Borracha	400 (0,10)	71 (0,01)	(***)
Couro bovino verde	523 (1,1)	(***)	2.388 (2,1)

Ano	1947	1954	1970
Couro bovino seco	971 (5,6)	(***)	1.842 (8,6)
Couro bovino salgado	1.412 (12,8)	(***)	6.813 (6,8)
Óleo de mamona	352 (0,1)	(***)	(***)
Extração de Sebo	25.198 (3,0)	(***)	(***)
Toucinho	69.223 (2,4)	(***)	(***)
Manteiga	109.305 (10,2)	(***)	(***)
Cristal Rocha	(***)	105.324 (64,5)	(***)
Minério de Cromo	(***)	692 (69,0)	(***)
Carne bovina	(***)	(***)	205.402 (4,7)
Carne suína	(***)	(***)	21.952 (3,0)
Amianto	(***)	(***)	43.367 (96,7)(**)
Calcário	(***)	(***)	507.323 (1,9)(**)
Manganês	(***)	(***)	23.289 (0,9)(**)
Banha	(***)	(***)	539 (0,2)

Fonte: IBGE (1947; 1960; 1975).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: (\*) em toneladas, (\*\*) 1973, (\*\*\*) valores não encontrados: a ausência do valor não significa necessariamente que não houve produção, mas apenas que o dado não foi disponibilizado na publicação utilizada.

No período em análise, em Goiás, ainda não havia indústrias intensivas no fator de capital, mas sim no fator trabalho e, assim, as atividades supra-analisadas que se destacavam no setor industrial são as que mais tinham pessoal ocupado em Goiás, conforme aponta a tabela 5. Verifica-se, ainda, que a representatividade do pessoal ocupado no setor industrial em Goiás, em nível nacional, era pouco expressiva.

Segundo Arriel (2017), no período de 1936 a 1960, a indústria goiana foi se desenvolvendo de forma espontânea, de modo que Goiás, assim como a grande maioria dos estados brasileiros, servia de um lado como fornecedor de produtos agrícolas ao Sudeste brasileiro, de outro como potencial consumidor dos produtos industriais desta região.

Ademais, neste período não havia políticas industriais ou fiscais de estímulo à industrialização ou diversificação da estrutura produtiva no território goiano aos moldes que eram praticadas no Brasil (ARRIEL, 2017).

Tabela 5: Pessoal Ocupado em Goiás e Brasil em diversas atividades do setor industrial, 1948.

Segmento	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
Alimentação e subsidiárias	405	132.789	0,30
Cerâmica	82	53.144	0,15
Construção	953	113.207	0,84
Couros e Peles	19	14.133	0,13
Extrativa com beneficiamento	(*)	7.384	(*)

Segmento	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
Fumo	(*)	14.938	(*)
Gráfica	14	23.877	0,06
Madeira	27	35.600	0,08
Material e aparelhos elétricos	(*)	14.119	0,00
Metalúrgica	61	115.005	0,05
Mobiliário	49	23.185	0,21
Objeto de luxo	(*)	2.711	0,00
Papel, química e borracha	5	94.262	0,01
Têxtil	(*)	307.852	0,00
Vestuário e toucador	54	61.444	0,09
Diversos	40	17.927	0,22

Fonte: IBGE (1960).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: (\*) valores não encontrados: a ausência do valor não significa necessariamente que não havia pessoal ocupado, mas apenas que o dado não foi disponibilizado na publicação utilizada.

É importante salientar que entre os anos 50 e 70, com a maior inserção de Goiás na economia nacional, especialmente pela construção de Brasília nos decênios 50/60, o setor de construção civil é fortemente impactado, bem como pelas obras rodoviárias.

Nesta direção, Arriel (2017, p. 80) aponta que “a construção de Brasília e a implantação da infraestrutura para receber a nova capital do Brasil foi um dos eventos que mais contribuiu para o desenvolvimento de Goiás e do Centro-Oeste brasileiro, abrindo espaço para a ampliação e diversificação da indústria goiana”.

A tabela 6 mostra claramente o predomínio de rodovias no modal de transporte goiano. Além disso, fica nítido que Goiás soube aproveitar o contexto nacional de ampliação das malhas viárias, expandindo bastante a extensão de suas rodovias e ferrovias. Qualificando esse movimento, Arriel (2017, p. 82, grifo nosso) sugere que:

[...] Enquanto a nova capital estava em fase de construção, uma série de rodovias federais foi construída ou iniciada, partindo de Brasília: BR 010, passando pelo nordeste goiano; BR 020, passando por Formosa; BR 040, sudeste goiano; BR 050, rumo a São Paulo; BR 060, passando por Anápolis e Goiânia rumo ao Mato Grosso. Outras importantes rodovias também foram ampliadas ou construídas na mesma ocasião: BR 153, cortando Goiás de norte a sul; BR 452, ligando o sudoeste goiano a Minas Gerais; e a BR 364, ligando o sudoeste goiano ao Mato Grosso. A partir daí, muda-se o principal modal de transporte de mercadorias em Goiás. **Os investimentos em ferrovias foram perdendo força e as rodovias ganharam espaço.**

Tabela 6: Malha viária em Goiás e Brasil, 1954 e 1972.

Modal	Extensão em Km	Goiás		Brasil		Participação GO no Brasil (em %)	
		1954	1972	1954	1972	1954	1972
Rodoviário	Federais	190	4.274	19.769	59.374	0,96	7,20
	Municipais	3.534	15.077	55.129	138.633	6,41	10,88
	Estaduais	19.903	59.046	287.425	1.038.031	6,92	5,69
	Total	23.627	78.397	362.323	1.236.038	6,52	6,34
Ferrovário	Extensão em Km <sup>2</sup>	495	928	37.205	30.473	1,33	3,05

Fonte: IBGE (1947; 1960; 1975).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Ao se analisar a dimensão da atividade industrial, uma importante variável utilizada como *proxy* é o consumo de energia elétrica. De modo geral, quanto mais industrializada uma atividade ou região, maior tende a ser o seu consumo de energia elétrica (CORREIA-SILVA, 2016; ALMEIDA, et. al., 2007).

Nessa direção, a tabela 7 mostra a aderência entre a incipiente indústria goiana e o ranking no consumo de energia elétrica industrial. Ou seja, Goiás não figurava entre os estados com maior consumo de energia elétrica industrial.

Tabela 7: Ranking de consumo de energia elétrica na modalidade industrial.

Segmento	1961	1969	Média 1961-69
Número de UFs com consumo industrial	23	24	Antes de 69 (23 UFs), em 69 (24 UFs)
Posição de Goiás	14º	15º	14º

Fonte: Brasil MME (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Embora o ranking de Goiás na tabela 7 sugira uma posição razoável no consumo de energia elétrica industrial, ao se analisar o consumo de energia elétrica, em termos relativos, por forma de consumo, conforme a tabela 8, verifica-se que, em Goiás, pouco era o consumo na modalidade industrial em comparação com o total do consumo de energia elétrica. Assim, enquanto o consumo de energia elétrica industrial respondia, em média, por cerca de metade do consumo de energia elétrica nacional, em Goiás esta participação não chegava a 20%.



Tabela 8: Participação relativa do consumo de energia elétrica industrial no total de consumo.

<b>Segmento</b>	<b>1947</b>	<b>1969</b>	<b>Média 1947-69</b>
Número de UFs com consumo industrial	23	24	Antes de 60 (20 UFs), após 60 (21 UFs)
Posição de Goiás e participação relativa	20º (16,3%)	21º (17,5%)	19º (17,9%)
Brasil	50,8%	50,7%	50,9%

Fonte: Brasil MME (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 9 corrobora estas análises, mostrando que a participação relativa do consumo de energia elétrica de Goiás no nacional, na modalidade industrial, não era muito expressiva. Porém, verifica-se entre 1961 e 1970 uma ampliação de 0,07 ponto percentual desta participação, movimento análogo ao que ocorreu no VA do setor de indústria goiano no nacional, conforme tabela 1.

Tabela 9: Participação relativa do consumo de energia elétrica industrial de Goiás no nacional no período de 1961 a 1970 (em %).

<b>Ano</b>	<b>Participação relativa (em %)</b>
<b>1961</b>	0,13
<b>1962</b>	0,25
<b>1963</b>	0,16
<b>1964</b>	0,18
<b>1965</b>	0,20
<b>1966</b>	0,22
<b>1967</b>	0,19
<b>1968</b>	0,20
<b>1969</b>	0,20
<b>1970</b>	0,20

Fonte: Brasil MME (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 10 mostra que, em 1972, a principal fonte de energia elétrica em Goiás era hidráulica, que correspondia a 1,8% de toda potência hidráulica de geração de energia nacional. Em termos de geração de energia pelas usinas termoeletricas, Goiás tinha uma participação pouco expressiva, de 0,1%.

Tabela 10: Potência de geração de energia elétrica instalada em 1972 (em kW).

Segmento	Goiás	Brasil	Participação de Goiás no Brasil (em %)
Hidráulica	195.483	10.979.000	1,8
Termoelétricas	2.562	2.736.000	0,1
Total	198.045	13.715.000	1,4

Fonte: IBGE (1947; 1960; 1975).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Em termos municipais, a tabela 11 mostra que a distribuição espacial da indústria goiana na década de 40 era localizada principalmente na região sul do estado. Nas décadas seguintes, verifica-se um movimento de concentração espacial da indústria em Anápolis e Goiânia.

Em 1940, a estrada de ferro teve um papel fundamental para explicar a localização da indústria nos municípios de Ipameri e Catalão. “A região por onde passava a estrada de ferro, em especial os municípios de Catalão e Ipameri, se desenvolveram, ofertando bens primários e semiprocessados, como charque e arroz para o complexo cafeeiro paulista, e de lá recebiam bens de consumo, que por sua vez eram distribuídos para dentro do estado” (ARRIEL, 2017, p.68).

Segundo Arriel (2017), esse deslocamento da concentração industrial, do sul para o centro do estado, com destaque para os municípios de Anápolis e Goiânia, é explicado, em grande medida, pela construção da nova capital de Goiás, entre os anos de 33 e 42, o que permitiu a instalação de indústria de bens de consumo em Anápolis, em especial de beneficiamento de produtos alimentícios, além da indústria de construção civil.

Ainda nessa direção, Arriel (2017, p. 84, comentário nosso):

As décadas de 1950 e 1960 foram anos muito importantes para a formação da base de desenvolvimento de Goiás, pois foram marcados por uma intensa imigração. A logística de transporte, a elevação da produção agrícola, principalmente com a implantação da Cang [Colônia Agrícola Nacional de Goiás] de Ceres, a mudança das capitais do estado, Goiânia, e do Brasil, Brasília, que contribuiu para o aumento da urbanização, foram eventos decisivos para que a indústria se fixasse no centro do estado. A indústria goiana, até então localizada, em grande parte, no sul goiano e com maior ligação à pecuária (charqueadas), passa a ser liderada por Anápolis e o perfil produtivo diversifica-se.

Tabela 11: Participação relativa (em %) dos municípios com maior participação no valor da produção e pessoal ocupado na indústria em Goiás, em 1940, 1950 e 1960.

Atividade	1940(*)	1950(*)	1960(**)
<b>(%) Valor da Produção</b>	Ipameri: 40,7	Anápolis: 27,5	Anápolis: 20,3
	Catalão: 12,9	Ipameri: 11,6	Goiânia: 17,9
	Anápolis: 12,4	Pires do Rio: 11,0	Ceres: 6,3
	Goiandira: 7,3	Cumari: 9,6	Pires do Rio: 5,9
	Pires do Rio: 7,2	Goiânia: 8,2	Jataí: 4,8
<b>Total</b>	<b>80,4%</b>	<b>67,8%</b>	<b>55,2%</b>
<b>(%) Pessoal Ocupado</b>	Anápolis: 9,7	Goiânia: 21,0	Goiânia: 15,6
	Ipameri: 7,3	Anápolis: 12,0	Anápolis: 11,1
	Catalão: 6,8	Ipameri: 9,4	Jataí: 5,7
	Goiandira: 5,1	Cumari: 5,1	Pires do Rio: 4,0
	Pires do Rio: 4,6	Pires do Rio: 4,9	Ceres: 2,1
<b>Total</b>	<b>33,5%</b>	<b>52,4%</b>	<b>38,4%</b>

Fonte: IBGE (1940, 1950 e 1960).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: (\*) Percentuais relativos ao Valor Bruto da Produção (\*\*) Percentuais relativos ao Valor da Transformação Industrial

Esta seção mostrou que entre os anos de 1940 e 1970 a atividade industrial em Goiás ainda era pouco expressiva em comparação com os demais setores. Foi visto que a agropecuária era o centro dinâmico da economia goiana, o que acabava espraiando-se para a estrutura econômica das demais atividades. Assim, a incipiente indústria goiana se consolidava principalmente em torno de atividades relacionadas à agropecuária, como por exemplo, a produção de carnes, processamento de couro, toucinho, dentre outros. Complementava essa indústria algumas atividades ligadas à extrativa vegetal e mineral.

Ademais, dados relacionados ao consumo de energia elétrica corroboraram a pouca expressividade da indústria goiana. Visualizou-se que o consumo de energia elétrica industrial era pouco expressivo no contexto nacional e, mesmo na estrutura total de consumo de energia elétrica goiana, a participação relativa do consumo de energia elétrica industrial situava-se abaixo da média nacional.

Por fim, foi visto também que houve um claro processo de mudança da distribuição espacial da indústria goiana, passando da região sul para Anápolis e Goiânia.

## 2 Os anos de 1970 e 1980

Nos primeiros anos da década de 70, a conjuntura econômica nacional apresentou uma característica singular que foi o concomitante aumento dos segmentos produtores de bens de consumo duráveis e não duráveis, sendo os responsáveis pelo forte crescimento do PIB. Em 1973, o PIB nacional cresceu em termos reais 13,9%, impulsionado pelo setor industrial (17%) e consequentemente pelo setor de serviços (15%) (GIAMBIAGI, 2011).

Todavia, esse cenário de elevado crescimento econômico começava a se alterar. Paralelamente, havia outras características macroeconômicas que apontavam para uma possível inflexão no ciclo econômico, especialmente ascensão inflacionária, aumento da capacidade produtiva ociosa das indústrias e problemas estruturais no balanço de pagamentos (GIAMBIAGI, 2011).

Mediante esse novo cenário que se desenhava, surgiu em 1975 o segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND). O diagnóstico era de que o período do “milagre econômico” da economia brasileira estava esvaindo-se devido à forma de inserção da economia brasileira na economia internacional, aliada às limitações da estrutura produtiva nacional.

Nesse sentido, o II PND era tido como o último esforço substitutivo de importações que deveria privilegiar a indústria de insumos básicos e bens de capital. Também, havia um importante aspecto nesse plano para as economias regionais, que era o de buscar promover a redução das desigualdades regionais. Assim, o plano buscou direcionar elevados investimentos para as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte do país.

No decênio de 60, em Goiás, houve um importante marco em termos de planejamento econômico no governo Mauro Borges, que foi o Plano de Desenvolvimento Econômico. Segundo Costa (1987, p. 20) esse plano é considerado seminal no que tange “à técnica de ‘planejamento-orçamento’, fugindo do método tradicional de apresentação das contas orçamentárias em que a preocupação central era ‘o que comprar’, ao passo que, naquele modelo o importante era o que fazer”.

Segundo Da Silva (2002), o plano direcionava seus esforços em obras prioritariamente infraestruturais como estradas, energia elétrica, saneamento básico, educação e saúde. Além disso, focava-se em uma administração pública voltada à eficiência dos serviços prestados.

Assim, um dos grandes focos do poder público goiano na década de 60 era a construção de um plano econômico que permitisse, nos anos seguintes, que a economia goiana ampliasse a sua participação na economia nacional. Para isso, era fundamental a amalgamação dos planos econômicos regionais aos nacionais, e isso foi feito com primazia por Mauro Borges.

A respeito desse movimento, Arriel (2017) ressalta que, entre o período de 1960 e 1985, o setor industrial goiano passa a ser induzido por estratégias de desenvolvimento, diferentemente de períodos anteriores em que este setor não era contemplado por políticas públicas e tinha seu desenvolvimento de maneira espontânea.

Nesse contexto, a indústria goiana continuou aumentando a sua importância na economia nacional (tabela 12), chegando a 1,02% em 1980, valor superior em 0,7 ponto percentual no início da série nos anos 40. Convém salientar que, em 1980, somente a região Sudeste concentrava 69% do

PIB da Indústria, dos quais 47% correspondiam à participação relativa de São Paulo. Assim, a participação relativa de 1,02% de Goiás, correspondia à 13ª colocação no ranking das unidades da Federação.

Tabela 12: Participação relativa do VA da Indústria goiana no nacional, nos anos de 1970, 1974-1980.

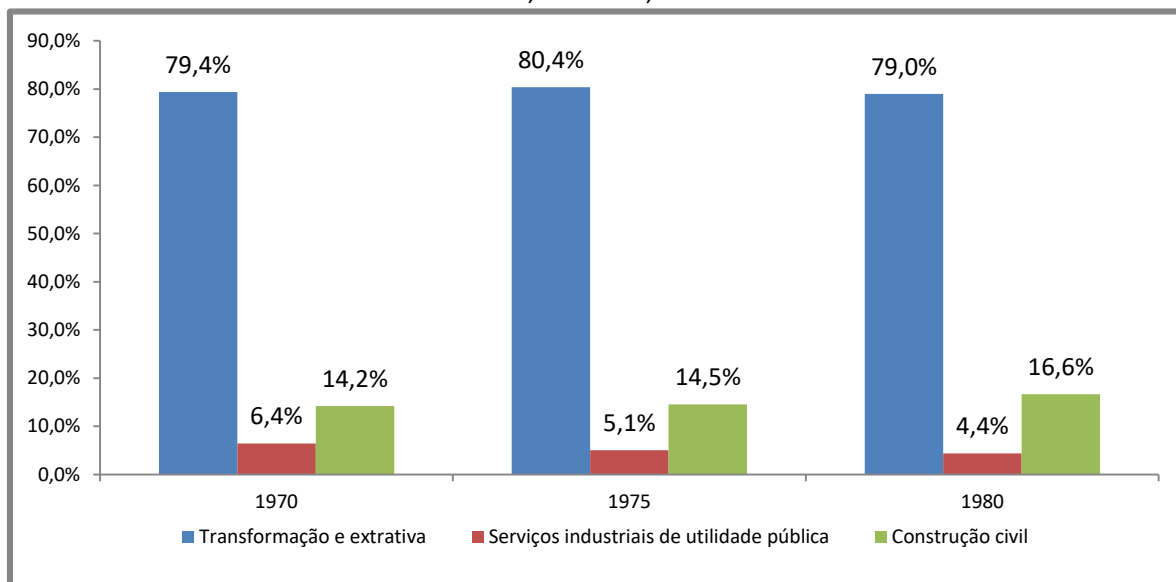
Ano	Participação relativa
1970	0,46
1974	0,47
1975	0,12
1976	0,54
1977	0,57
1978	0,62
1979	0,67
1980	1,02

Fonte: Produto Interno Bruto a custo de fatores (IBGE).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Ao longo da década de 70, a indústria goiana concentrava-se nos segmentos de transformação e extrativa, mas verifica-se, também, ligeiro crescimento da participação da construção civil (gráfico 2).

Gráfico 2: Estrutura do VA industrial Goiano, em 1970, 1975 e 1980.



Fonte: IPEA (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: Elaboração do IPEA pelo rateio do PIB de serviços a custo de fatores, em nível estadual e do IBGE, pela estimativa do valor adicionado no setor de serviços dos municípios do estado, calculado pela soma do valor da produção e outras receitas menos as despesas de consumo intermediário com base nos Censos dos respectivos anos.

A tabela 13 mostra que entre 1975 e 1980, houve incremento da participação relativa do valor da produção industrial goiana no nacional, passando de 0,69 para 0,73. Dois importantes resultados devem ser observados, primeiro, o segmento de indústria mais relevante para Goiás é o de transformação, que correspondia em 1975 e 1980, respectivamente, a 95,7% e 94,1%. Segundo, embora a indústria extrativa tivesse uma pequena participação relativa no valor da produção da indústria goiana, este valor torna-se relevante na comparação com a indústria nacional, chegando a 3% em 1980.

Ainda, verifica-se uma clara ampliação da participação relativa do valor da produção goiana no nacional, nas diversas atividades e segmentos, com destaque para o segmento da indústria extrativa e da atividade de transformação de produtos minerais não metálicos, em respectivamente, 0,92 p.p. e 0,79 p.p..

Em termos de atividade, verifica-se que a de fabricação de produtos alimentícios, uma das principais atividades da indústria goiana atual, já era a atividade de maior expressividade da indústria goiana na nacional.

Tabela 13: Valor da Produção por atividades industriais em Goiás e Brasil, 1975 e 1980 (em Cr\$ mil).

1975			
	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
<b>Valor da Produção</b>	5.466.008	787.978.823	0,69
<b>Extrativa</b>	234.891	10.858.372	2,16
<b>Transformação</b>	5.231.117	777.120.450	0,67
<b>Transformação de produtos minerais não metálicos</b>	603.077	30.800.842	1,96
<b>Processamento de madeira</b>	136.607	16.529.370	0,83
<b>Fabricação de produtos alimentícios</b>	3.330.231	124.869.095	2,67
<b>Bebidas</b>	159.775	9.797.447	1,63
<b>Química</b>	213.693	120.091.153	0,18
<b>Vestuário, calçados e artefatos de tecido</b>	76.309	52.402.651	0,15
1980			
	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
<b>Valor da Produção</b>	71.016.691	9.738.340.472	0,73
<b>Extrativa</b>	4.199.317	136.391.561	3,08
<b>Transformação</b>	66.817.374	9.601.948.911	0,70
<b>Transformação de produtos minerais não metálicos</b>	11.094.348	403.069.791	2,75
<b>Processamento de madeira</b>	1.795.638	194.761.943	0,92
<b>Fabricação de produtos alimentícios</b>	38.213.441	1.332.500.457	2,87
<b>Bebidas</b>	1.519.592	101.083.000	1,50
<b>Química</b>	1.463.377	1.850.309.557	0,08
<b>Vestuário, calçados e artefatos de tecido</b>	1.195.929	369.935.929	0,32

Fonte: IBGE (1980).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Em 1970, o número de pessoal ocupado em Goiás era de aproximadamente 890 mil pessoas, passando, na década seguinte, para aproximadamente 1,3 milhão<sup>3</sup> (IBGE, 1970 e 1980). A tabela 14 apresenta a distribuição dessas pessoas segundo atividades. Percebe-se uma clara mudança do centro dinâmico dos empregos, que deixa de ser a agropecuária, em 1970, para ser o setor de serviços, em 1980, movimento que está diretamente relacionado ao êxodo rural e a uma estrutura econômica mais contemporânea, em que, progressivamente, o setor de serviços e de indústria conseguem ganhar maior participação relativa.<sup>4</sup>

Tabela 14: Participação relativa (%) do pessoal ocupado em Goiás em 1970 e 1980.

<b>Setores</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>
<b>Agropecuária</b>	60,2	39,2
<b>Indústria</b>	9,0	8,6
<b>Serviços (sem Administração Pública)</b>	24,3	44,2
<b>Administração pública</b>	6,5	8,0

Fonte: IBGE (1970 e 1980).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 15 apresenta a distribuição do pessoal ocupado nas atividades industriais em Goiás e no Brasil. Verifica-se forte aderência entre as atividades com maior valor da produção (tabela 13) e do contingente de ocupados. Além disso, houve ampliação da participação relativa do número de pessoas ocupadas na atividade industrial goiana em relação à nacional, de 0,90 para 1,14.

Além disso, ao analisar-se a inserção de Goiás no contexto nacional, no cotejamento entre as tabelas 13 e 15, a partir da comparação entre a participação relativa do contingente de pessoas ocupadas e no valor da produção, há valores nitidamente superiores aos relativos do contingente de pessoas ocupadas. Ou seja, a atividade industrial em Goiás ainda era pouco competitiva. O valor bruto de sua produção no contexto nacional era proporcionalmente inferior à participação do número de ocupados, nas atividades analisadas.

Este resultado é uma decorrência natural de uma industrialização tardia e que se desenvolveu em posição periférica em relação aos grandes centros da região sudeste. Conforme supra sublinhado, Goiás foi se especializando em oferecer insumos primários e comprando produtos processados dos centros mais industrializados do Brasil (ARRIEL, 2017).

<sup>3</sup> Esta estatística considera o número de ocupados no setor formal e informal da economia

<sup>4</sup> Há que se ressaltar que a discussão entre a evolução do mercado de trabalho e da atividade industrial é multidisciplinar e multifacetária, que foge ao escopo desse trabalho. Porém, em linhas gerais, sabe-se que a atividade industrial tende a absorver menos mão de obra vis-à-vis os demais setores. Isto acontece, pois a composição dos fatores de produção na atividade industrial tende a ser mais intensiva no fator de produção capital em detrimento do fator trabalho.

Tabela 15: Pessoal ocupado por atividades industriais em Goiás e Brasil, 1975 e 1980.

1975			
	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
<b>Indústria geral</b>	34.844	3.881.061	0,90
<b>Extrativa</b>	1.933	64.506	3,00
<b>Transformação</b>	32.911	3.816.555	0,86
<b>Transformação de produtos minerais não metálicos</b>	6.595	320.306	2,06
<b>Metalúrgica</b>	1.895	442.726	0,43
<b>Processamento de madeira</b>	3.159	203.866	1,55
<b>Vestuário, calçados e artefatos de tecido</b>	924	333.776	0,28
<b>Fabricação de produtos alimentícios</b>	11.303	500.006	2,26
1980			
	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
<b>Indústria geral</b>	56.822	5.004.522	1,14
<b>Extrativa</b>	3.496	86.313	4,05
<b>Transformação</b>	53.326	4.918.209	1,08
<b>Transformação de produtos minerais não metálicos</b>	12.523	437.405	2,86
<b>Metalúrgica</b>	3.518	531.729	0,66
<b>Processamento de madeira</b>	4.953	263.004	1,88
<b>Vestuário, calçados e artefatos de tecido</b>	1.190	377.600	0,32
<b>Fabricação de produtos alimentícios</b>	15.614	622.062	2,51

Fonte: IBGE (1980). Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 16 mostra que de 1975 a 1980, a participação relativa do consumo de energia elétrica de Goiás no Brasil ampliou de 0,9% para 1,2%. Em termos relativos, verifica-se que o consumo de energia elétrica industrial é o menos expressivo entre as diversas modalidades.

Comparativamente à estrutura de consumo de energia elétrica nacional, Goiás apresentou maiores participações relativas para as modalidades residenciais e outros, enquanto, no Brasil, as maiores se davam nas modalidades industriais e residenciais.

Em Goiás, a modalidade de consumo de energia elétrica 'outros' chama a atenção, tanto no contexto nacional, quanto na estrutura interna. Isto é uma decorrência do consumo de energia elétrica rural estar englobado nesta categoria.

Conforme dito acima, o consumo de energia elétrica é importante *proxy* para a mensuração do ritmo da atividade industrial. Assim, cotejando dados da tabela 16 com dados das tabelas supracitadas, nas quais se percebeu certa ampliação da atividade industrial em Goiás, corrobora-se a ideia de que a atividade industrial em Goiás ampliou-se timidamente e em atividades menos intensas em capital no fator de produção, que demandaria um maior consumo de energia elétrica.



Tabela 16: Consumo de energia em Goiás e Brasil, 1975 e 1980.

1975			
Consumo em MWh	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
Consumo residencial	203.187	13.264.298	1,5
Consumo industrial	158.086	35.616.387	0,4
Consumo comercial	120.398	9.075.617	1,3
Outros	122.845	8.056.824	1,5
Total	604.516	66.013.126	0,9
Estrutura relativa (em %)	Goiás	Brasil	Diferença em p.p.
Consumo residencial	33,6	20,1	13,5
Consumo industrial	26,2	54,0	-27,8
Consumo comercial	19,9	13,7	6,2
Outros	20,3	12,2	8,1
Total	100,0	100,0	0,00
1980			
Consumo em MWh	Goiás	Brasil	(%) GO / BRA
Consumo residencial	438.313	23.198.002	1,9
Consumo industrial	423.613	61.545.256	0,7
Consumo comercial	226.447	13.721.840	1,7
Outros	241.159	15.892.675	1,5
Total	1.329.532	114.357.773	1,2
Estrutura relativa (em %)	Goiás	Brasil	Diferença em p.p.
Consumo residencial	33,0	20,3	12,7
Consumo industrial	31,9	53,8	-21,9
Consumo comercial	17,0	12,0	5,0
Outros	18,1	13,9	4,2
Total	100,0	100,0	0,00

Fonte: Brasil MME (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Em relação à distribuição do setor industrial no território geográfico goiano, a tabela 17 revela elevado grau de concentração em suas diversas atividades, com os índices de Gini situando-se em patamares bastante elevados. Ademais, no período de 1970 a 1980, houve aumento da concentração nas atividades da indústria de transformação e extrativa, construção civil e, conseqüentemente, na indústria geral.

As menores magnitudes de concentração foram registradas nas atividades de construção civil e Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), resultado esperado já que essas atividades tendem a se desenvolver de maneira mais equânime nos municípios, pois estão diretamente associadas à dinâmica dos demais setores da economia.

Assim, ao passo que, paulatinamente, os municípios goianos foram ganhando contornos mais urbanos e foram se interligando cada vez mais com a economia nacional, era natural que

demandassem cada vez mais das atividades de saneamento básico e energia elétrica, o que impactava diretamente no setor de construção civil, a fim de gerar infraestrutura.

A tabela 17 mostra que a concentração do VA industrial goiano, no período analisado, se dava principalmente nos municípios de Goiânia e Anápolis, que conjuntamente apresentavam participação relativa superior a 50% do VA industrial goiano. Em linhas gerais, justifica-se o destaque de Minaçu, no ano de 1980, a presença de usina hidrelétrica e de mineração, em Ouvidor a presença de indústrias químicas e de minério, e em Itumbiara uma maior diversificação de indústrias, tais como do ramo alimentício, hidrelétrica e agroindústrias. Em relação ao setor mineral é importante uma breve digressão. Segundo, Arriel (2017, p.126, grifo nosso),

A partir de um diagnóstico amplo do setor industrial, a equipe de planejamento do governo de Leonino Caiado definiu que as ações referentes à indústria deveriam estar concentradas em torno de ramos industriais voltados à transformação de produtos agropecuários e da extração mineral. Goiás (1973) partia do pressuposto de que a agropecuária goiana já estava em níveis avançados de produção e produtividade, **e que a mineração também possuía grande potencialidade**, mas para alcançar níveis elevados de crescimento econômico e maior absorção de mão de obra crescente, era necessário o estado de Goiás apostar no setor industrial.

Uma análise mais minuciosa da tabela 17 mostra que a agregação das participações relativas dos 5 municípios com maiores VAs industriais foi se reduzindo, ao passo que o índice de Gini – que considera todos os municípios – foi se elevando. Assim, o que se sugere é que a concentração do VA industrial em Goiás, que já era elevada, foi se ampliando, na direção de municípios de médio porte.

Em grande medida, “um dos passos importantes para o espraiamento da indústria no estado foi dado no governo de Irapuan, quando deu continuidade à política de instalação dos distritos industriais que havia iniciado no governo de Leonino Caiado [...]” ARRIEL (2017, p.130).

Tabela 17: Participação relativa (em %) por atividades dos municípios com maior participação no VA da indústria de Goiás e índice de Gini, 1970, 1975 e 1980.

Atividade	1970	1975	1980
<b>Transformação e extrativa</b>	Goiânia: 34,7	Goiânia: 37,7	Goiânia: 31,9
	Anápolis: 22,3	Anápolis: 14,7	Anápolis: 19,2
	Uruaçu: 7,5	Uruaçu: 7,7	Minaçu: 9,8
	Itumbiara: 2,9	Corumbá de Goiás: 3,8	Ouvidor: 4,1
	Goianésia: 2,6	Palmeiras de Goiás: 3,0	Itumbiara: 3,6
<b>Total</b>	70,0	66,8	68,6
<b>Gini</b>	<b>0,926</b>	<b>0,927</b>	<b>0,937</b>
<b>SIUP</b>	Goiânia: 38,7	Goiânia: 37,2	Goiânia: 27,6
	Anápolis: 21,4	Anápolis: 16,7	Anápolis: 17,4
	Itumbiara: 4,4	Corumbá de Goiás: 3,7	Minaçu: 8,1
	Jataí: 2,0	Itumbiara: 3,3	Itumbiara: 3,1
	Santa Helena de Goiás: 1,8	Palmeiras de Goiás: 3,0	Ouvidor: 3,1
<b>Total</b>	68,3	63,9	59,2
<b>Gini</b>	<b>0,918</b>	<b>0,896</b>	<b>0,884</b>
<b>Construção civil</b>	Goiânia: 38,1	Goiânia: 40,7	Goiânia: 40,7
	Anápolis: 7,1	Anápolis: 7,1	Anápolis: 6,8
	Itumbiara: 2,7	Luziânia: 3,3	Luziânia: 5,0
	Rio Verde: 2,1	Itumbiara: 3,1	Itumbiara: 3,5
	Palmeiras de Goiás: 2,0	Rio Verde: 2,0	Aparecida de Goiânia: 2,9
<b>Total</b>	51,9	56,2	58,9
<b>Gini</b>	<b>0,847</b>	<b>0,860</b>	<b>0,876</b>
<b>Indústria Geral</b>	Goiânia: 35,4	Goiânia: 38,1	Goiânia: 33,2
	Anápolis: 20,1	Anápolis: 13,7	Anápolis: 17,0
	Uruaçu: 6,2	Uruaçu: 6,4	Minaçu: 8,2
	Itumbiara: 3,0	Corumbá de Goiás: 3,3	Itumbiara: 3,6
	Goianésia: 2,3	Itumbiara: 2,9	Ouvidor: 3,4
<b>Total</b>	67,0	64,4	65,4
<b>Gini</b>	<b>0,910</b>	<b>0,911</b>	<b>0,920</b>

Fonte: IPEA (2017). Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: Elaboração do IPEA pelo rateio do PIB de serviços a custo de fatores, em nível estadual, do IBGE, pela estimativa do valor adicionado no setor de serviços dos municípios do estado, calculado pela soma do valor da produção e outras receitas menos as despesas de consumo intermediário com base nos Censos dos respectivos anos.

Em resumo, a segunda seção deste trabalho mostrou que na década de 70, Goiás continuou ampliando a sua participação na economia nacional, o que era um objetivo onipresente do poder público goiano em diferentes décadas. É importante destacar que existe *gap* entre as ações implementadas e os resultados verificados em termos econômicos. Assim, boa parte das ações de Mauro Borges, no sentido de aglutinar planos econômicos regionais aos nacionais, ajudaram a

explicar o aumento da indústria goiana que chegou a 1,02% em 1980 – valor superior em 0,7 ponto percentual ao início da série nos anos 40.

Todavia, a atividade industrial que se ampliava em Goiás ainda era pouco competitiva. Dois importantes elementos sinalizam para esta interpretação. Primeiro, o valor bruto de sua produção no contexto nacional era proporcionalmente inferior à participação do número de ocupados nas mesmas atividades analisadas. Segundo, na estrutura de consumo de energia elétrica goiana, havia maiores participações relativas para as modalidades de consumo residenciais e outros, enquanto, no Brasil, as maiores participações relativas se davam nas modalidades industriais e residenciais.

Visualizou-se que alguns segmentos e atividades já se concebiam como importantes para a indústria goiana. Em termos de segmentos, embora a indústria extrativa tivesse uma pequena participação relativa no valor da produção da indústria goiana, este valor torna-se relevante na comparação com a indústria nacional, chegando a 3% em 1980.

Em relação às atividades, verificou-se que a de fabricação de produtos alimentícios, principal atividade da indústria goiana atual, era a atividade de maior expressividade da indústria goiana na nacional.

Em termos de distribuição espacial do setor industrial no território geográfico goiano, verificou-se elevado grau de concentração em suas diversas atividades, com os índices de Gini situando-se em patamares bastante elevados. A concentração se dava, sobretudo, nos municípios de Goiânia e Anápolis, que conjuntamente apresentavam participação relativa superior a 50% do VA industrial goiano.

Por fim, o cotejamento dos dados sugeriu que a concentração do VA industrial em Goiás se manteve elevada e foi-se ampliando na direção de novos municípios de médio porte.

Conforme dito acima, o consumo de energia elétrica é importante *proxy* para a mensuração do ritmo da atividade industrial. Houve certa ampliação da atividade industrial em Goiás, corroborando-se a ideia de que a atividade industrial ampliou-se timidamente e em atividades menos intensas no fator de produção capital, que demandaria um maior consumo de energia elétrica.

### **3 Os anos 1980 a 2000**

Rota hiperinflacionária, década perdida, inesgotáveis planos para tentar controlar os níveis gerais de preços; esses são alguns dos diversos elementos que caracterizaram a complexa dinâmica da economia nacional na década de 80. Segundo Da Silva (2002, p. 61),

No transcorrer da década de 1980, a eficácia das políticas governamentais, assentadas nos programas regionais de desenvolvimento, perdeu vigor. Esse fato, por si só, poderia ter dissuadido o processo de crescimento econômico pelo qual passava o estado goiano (inserido no contexto macrorregional do Centro-Oeste). Contudo, a dinâmica do crescimento do aparelho produtivo, alicerçada no investimento público, prosseguiu de forma mais tímida, mas não desprezível.

Percebe-se que a profunda instabilidade monetária da economia brasileira vivenciada, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 80 até a instauração do plano real (1994), acarretou, em Goiás, efeitos nocivos à sua indústria, sobretudo nas atividades extrativas e de transformação.

Estas atividades, em uma ótica da demanda, estão associadas, em grande medida, ao consumo final das famílias e aos investimentos empresariais. O consumo era muito tolhido pelo contexto monetário, enquanto os investimentos empresariais eram cessados pelo contexto de incerteza fundamental que se apresentava nesta época; tudo isso era retroalimentado, ao passo que os constantes planos econômicos se mostravam ineficazes na promoção da estabilidade dos níveis gerais de preços.

Por outro lado, os setores de SIUP e construção civil apresentaram comportamentos mais bem delineados. De certa forma, embora essas atividades também estejam associadas à dinâmica econômica como um todo, tem também no crescimento populacional e no fluxo migratório para o centro-oeste uma importante explicação para sua ampliação ao longo dos anos.

Em relação à tabela 18, de modo geral, ao se analisar a participação relativa da indústria como um todo, entre 1985 e 2001, houve uma importante ampliação no cenário nacional de 0,7 ponto percentual. A partir dos anos 1990, principalmente como o advento da estabilização monetária, o setor industrial goiano passou a se comportar de maneira ascendente, com destaque para as atividades de construção civil e transformação.

Um dos elos mais importantes para compreender esse avanço reside no mecanismo creditício que se desenvolve ao longo das décadas de 80 e 90 em Goiás. Segundo Arriel (2017, p.173, grifos e comentários nosso):

A partir de meados da década de 1980, se materializa o forte apoio governamental à industrialização goiana, cujas iniciativas de boa parte dos governos goianos vêm desde os anos de 1960. A **instituição do Fomentar** [fundo de fomento à Industrialização do Estado de Goiás], em 1984 com sua regulamentação em 1985, **foi um marco institucional de apoio à indústria goiana**. Em 2001, ele é substituído pelo **Produzir** [Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás], que foi muito mais agressivo na concessão de incentivos e benefícios fiscais. Acrescenta-se, ainda no âmbito estadual, uma série de apoio ao financiamento das atividades industriais, como o **Fundo Constitucional do Centro Oeste (FCO)** e a criação da **Agência Goiana de Fomento** (Goiás Fomento).

Tabela 18: Participação relativa do VA industrial goiano e de suas atividades no nacional, no período de 1985 a 2001.

Ano	Construção	Extrativa mineral	SIUP	Transformação	Indústria geral
1985	3,50	0,73	0,44	0,75	1,08
1986	3,71	0,62	0,68	0,91	1,33
1987	2,77	0,32	0,70	0,71	0,98
1988	3,04	0,11	0,77	0,80	1,09
1989	2,25	0,13	0,62	0,66	0,89
1990	2,07	0,23	1,38	0,77	0,99
1991	1,84	0,32	1,40	1,05	1,17
1992	1,68	0,43	1,12	1,02	1,11
1993	1,92	0,56	1,21	0,99	1,14
1994	2,04	0,67	1,34	1,13	1,32
1995	2,12	0,47	1,38	0,99	1,27
1996	2,06	0,40	1,43	1,06	1,32
1997	2,23	0,46	1,30	1,11	1,40
1998	2,27	0,49	1,48	1,16	1,47
1999	2,12	0,36	1,56	1,17	1,39
2000	3,14	0,23	1,55	1,18	1,56
2001	3,28	0,17	3,98	1,20	1,78

Fonte: Produto Interno Bruto (IBGE).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

O gráfico 3 mostra as atividades que compõem o VA do setor de indústria goiano. Verifica-se que a atividade de indústria de transformação foi a de maior participação relativa no VA goiano, dado que ao longo do período analisado apresentou participação sempre superior a 60%. As participações relativas das atividades de SIUP e extrativa mineral não sofreram grandes alterações, tendendo conjuntamente a não representarem mais do que 15% da estrutura do VA industrial.

A indústria de transformação foi amplamente beneficiada pelos programas creditícios e fiscais implementados no estado a partir dos anos 80. Nessa direção, “o Fomentar tinha como objetivo a implantação e expansão das atividades industriais, preferencialmente as agroindústrias, [...] a intenção do Fundo era estimular a industrialização dos produtos agropecuários goianos, passando a agregar mais valor localmente.” (ARRIEL, 2017, p.174, grifo nosso).

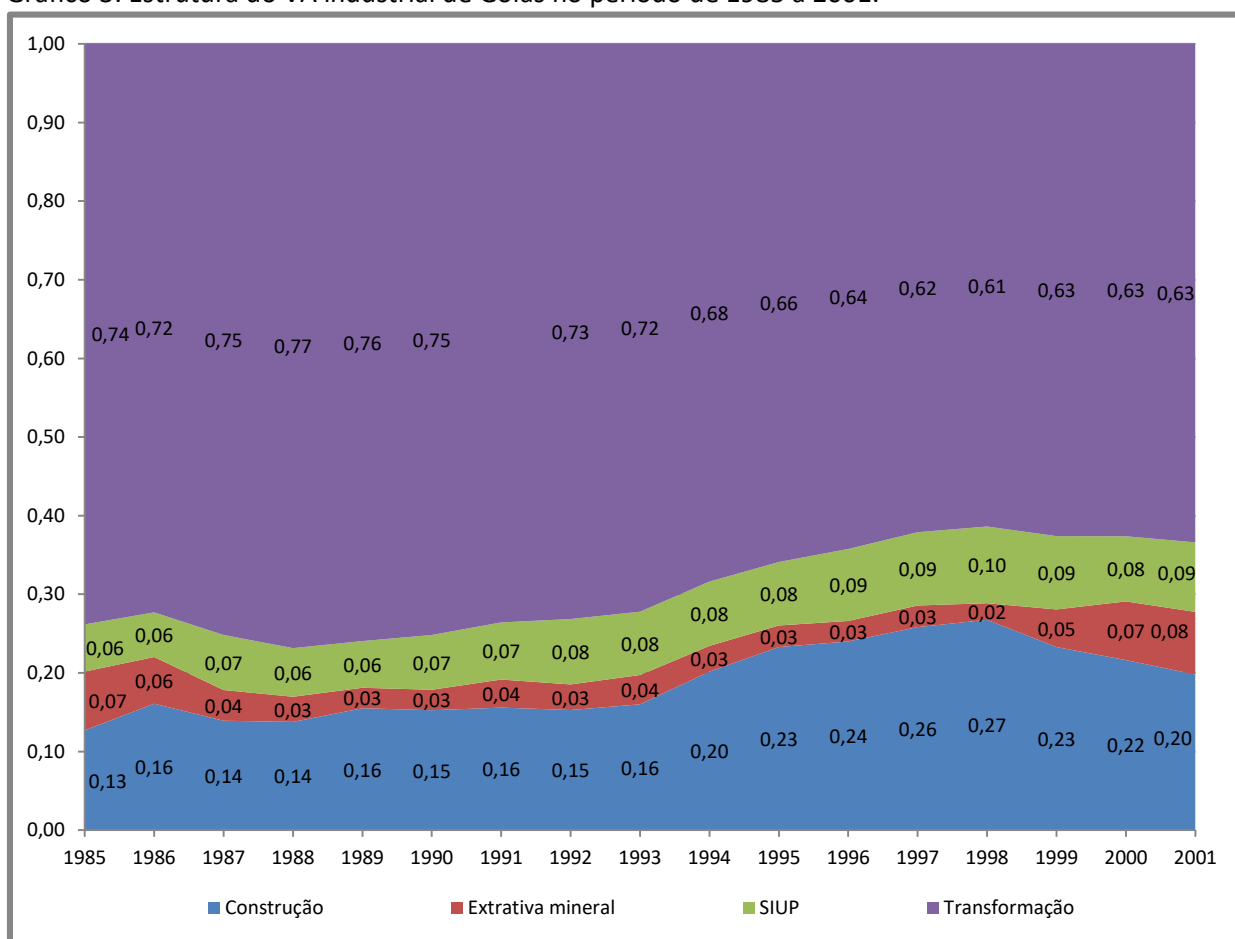
A atividade de construção foi a que mais apresentou ampliação na estrutura interna do VA industrial, apresentando, entre os anos de 1985 e 2001, um incremento de 0,07 (p.p.). Assim, tanto no âmbito nacional – conforme tabela 18 – quanto na estrutura interna do VA, a construção foi a atividade que mais se ampliou vis-à-vis às demais no período analisado.

Em grande medida, esse aumento foi possível pois diferentes governantes de Goiás deram expressivo direcionamento do gasto público para atividades diretamente encadeadas à construção civil. Por exemplo, no período de 1983 a 1986, no governo de Iris Rezende, foram destinados “aproximadamente 30% do orçamento para o setor de transportes, ampliou-se a rede viária [...] 200% a mais do que já existia” (DA SILVA, p.91, 2002).

Outro importante indicador que serve como balizador das ações do poder público é a análise do orçamento público, especialmente das despesas por função. Verifica-se que em 1990, despesas com transportes correspondia a 15% do total de despesas do estado de Goiás, passando para 25,3% em 1998 (TCE, 2010).

Assim, a localização geográfica aliada à diversificação da economia goiana, que foi se consolidando ao longo das décadas de 80 e 90, combinando ao mesmo tempo sólida atividade agropecuária e a instalação de importantes indústrias de diversos ramos, sobretudo as agroindústrias de fabricação de produtos alimentícios, acabou espalhando seus efeitos sobre os demais setores e atividades de Goiás, de modo que toda essa ampliação perpassou pelo incremento do setor de construção.

Gráfico 3: Estrutura do VA industrial de Goiás no período de 1985 a 2001.



Fonte: Produto Interno Bruto (IBGE).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Analisando-se a tabela 19, verifica-se correlação entre o número de empregos formais e as atividades de maior participação relativa no VA industrial. Todavia, comparado com os demais setores da economia, o setor de serviços é o maior gerador de empregos, em decorrência de ser intensivo no fator de produção trabalho, diferentemente da indústria e da agropecuária que foram ao longo do tempo tornando-se intensivas em capital.

É importante destacar que o setor industrial representou nos anos analisados mais de 1/5 de todos os empregos gerados formais na economia goiana, com destaque para o segmento de indústria de transformação.

Outro aspecto a ser observado na tabela 19 é o ligeiro crescimento da participação relativa do número de empregos formais da indústria goiana entre os anos de 1985 e 2000, saindo de 21% para 21,2%. Todavia, no Brasil, nessa mesma comparação, a participação saiu de 34,2% para 24,3%, revelando, de certa forma, que houve no contexto nacional um movimento de crescimento relativo dos empregos no setor de serviços em detrimento da indústria. Enquanto isso, em Goiás, houve uma distribuição mais equilibrada no período analisado.

Além do mais, verifica-se também, aderência entre a distribuição do VA em preponderância das atividades de transformação e construção civil, em suas respectivas participações relativas, no total de empregos formais em Goiás.

Tabela 19: Quantidade e participação relativa (%) do número de empregos formais, nas atividades econômicas, em Goiás e no Brasil, em 1985, 1995 e 2000.

Setores	1985	1995	2000
<b>Goiás</b>			
<b>Extrativa Mineral</b>	4.545 (1,1)	4.257 (0,8)	4.159 (0,6)
<b>Indústria de Transformação</b>	42.904 (10,8)	64.929 (12,7)	99.604 (15,0)
<b>SIUP</b>	7.933 (2,0)	9.952 (1,9)	4.256 (0,6)
<b>Construção Civil</b>	28.277 (7,1)	28.046 (5,5)	33.511 (5,0)
<b>Comércio</b>	59.817 (15,0)	76.396 (14,9)	117.387 (17,7)
<b>Serviços</b>	115.688 (29,0)	141.284 (27,6)	191.152 (28,8)
<b>Administração Pública</b>	131.240 (32,9)	153.400 (30,0)	170.473 (25,7)
<b>Agropecuária</b>	5.977 (1,5)	25.160 (4,9)	43.356 (6,5)
<b>Não classificado</b>	2.032 (0,5)	7.594 (1,5)	4 (0,0)
<b>Total</b>	<b>398.413</b>	<b>511.018</b>	<b>663.902</b>
<b>Brasil</b>			
<b>Extrativa Mineral</b>	152.839 (0,7)	109.092 (0,5)	109.608 (0,4)
<b>Indústria de Transformação</b>	5.988.810 (27,6)	4.897.402 (20,6)	4.885.361 (18,6)
<b>SIUP</b>	290.898 (1,3)	378.197 (1,6)	290.352 (1,1)
<b>Construção Civil</b>	1.002.602 (4,6)	1.077.516 (4,5)	1.094.528 (4,2)
<b>Comércio</b>	2.883.922 (13,3)	3.339.975 (14,1)	4.251.762 (16,2)
<b>Prestação de Serviços</b>	6.316.588 (29,1)	7.229.060 (30,4)	8.640.455 (32,9)
<b>Administração Pública</b>	4.620.508 (21,3)	5.457.846 (23,0)	5.882.565 (22,4)
<b>Agropecuária</b>	322.948 (1,5)	1.005.524 (4,2)	1.072.271 (4,1)



<b>Não classificado</b>	126.829 (0,6)	251.174 (1,1)	1.727 (0,0)
<b>Total</b>	<b>21.705.944</b>	<b>23.745.786</b>	<b>26.228.629</b>

Fonte: RAIS (1985, 1995 e 2000).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 20 mostra importante resultado, ou seja, Goiás ampliou em 0,69 (p.p.) a sua participação relativa nacional no total de empregos formais entre 1985 e 2000, assim como nas diversas atividades ao longo do período analisado.

Embora na estrutura interna do VA industrial a participação relativa da atividade da indústria extrativa mineral não seja tão elevada como o da indústria de transformação, ao se analisar Goiás em contexto nacional, através do número de empregos formais gerados por atividades, percebe-se que quase 4% de todo emprego formal gerado da indústria extrativa mineral é goiano, participação superior ao da indústria de transformação.

Além disso, *pari passu* ao recrudescimento da atividade de construção civil, tanto no âmbito nacional (constatado através do aumento da participação relativa do VA goiano no nacional desta atividade), quanto no regional (verificado a partir da ampliação da participação relativa na estrutura do VA industrial goiano), a tabela 20 apresenta incrementos na participação relativa do número de empregos formais neste segmento.

Tabela 20: Participação relativa (em %) do número de emprego formal de Goiás no Brasil em 1985, 1995 e 2000.

<b>Setores</b>	<b>1985</b>	<b>1995</b>	<b>2000</b>
<b>Extrativa Mineral</b>	2,97	3,90	3,79
<b>Indústria de Transformação</b>	0,72	1,33	2,04
<b>SIUP</b>	2,73	2,63	1,47
<b>Construção Civil</b>	2,82	2,60	3,06
<b>Comércio</b>	2,07	2,29	2,76
<b>Prestação de Serviços</b>	1,83	1,95	2,21
<b>Administração Pública</b>	2,84	2,81	2,90
<b>Agropecuária</b>	1,85	2,50	4,04
<b>Não classificado</b>	1,60	3,02	0,23
<b>Total</b>	<b>1,84</b>	<b>2,15</b>	<b>2,53</b>

Fonte: RAIS (1985, 1995 e 2000).

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan/Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 21 mostra a distribuição de empregos formais em termos municipais. Em relação à indústria extrativa, verifica-se que os municípios de Niquelândia, Minaçu e Crixás concentravam cerca de 40% de todo emprego formal desta atividade no ano de 2000, impulsionados, respectivamente, pelas atividades de produção de níquel, amianto e ouro.

Em relação à indústria de transformação, o centro dinâmico de geração de emprego tendeu a permanecer na capital do estado e nos municípios vizinhos. Assim, verifica-se que Goiânia,

Anápolis, Aparecida de Goiânia e Trindade representam cerca de 2/3 dos empregos formais desta atividade em 2000. Nestes municípios existe uma elevada diversificação dos ramos de atividades da indústria de transformação, com grande destaque para a indústria de fabricação de produtos alimentícios.

Esse movimento está em linha com o que Myrdal (1962) identifica como os *spreads effects*, ou seja, os efeitos de espraiamento, que são os aspectos favoráveis do desenvolvimento de uma determinada região transbordando, incidindo sobre as demais regiões próximas.

Dos empregos formais dos serviços industriais de utilidade pública (SIUP) percebe-se que há uma concentração do emprego em Goiânia, o que está relacionado à extensão geográfica e ao tamanho de sua população. Além disso, esta atividade é em grande parte prestada nos municípios do interior goiano por empresas estatais cuja sede administrativa fica em Goiânia.

Os dados relativos à atividade de construção civil da tabela 21 devem ser analisados com cautela, haja vista se tratar de uma análise pontual, ou seja, em anos específicos. Assim, pode ocorrer que existam construções de grande porte em determinado período de tempo em certos municípios, o que tende a aumentar demasiadamente, em curto prazo, o número de empregados da atividade de construção, e sugerir, erroneamente, que esta atividade seja o principal centro dinâmico de tais municípios. Inequivocamente, este setor tem forte relação com a dinâmica econômica e porte econômico dos municípios, de modo que, municípios com maiores PIBs tendem a ter neste setor, um de seus alicerces motriz da sua indústria e economia.

Tabela 21: Participação relativa (em %) municipal no número de emprego formal da indústria, atividade extrativa mineral, transformação, serviços de utilidade, no estado, em 1985 e 2000.

<b>Extrativa Mineral</b>			
<b>Municípios</b>	<b>1985</b>	<b>Municípios</b>	<b>2000</b>
Minaçu	37,0	Niquelândia	16,0
Catalão	24,0	Minaçu	13,0
Ouvidor	8,0	Crixás	12,0
Goiânia	7,0	Catalão	9,0
Nova Roma	2,0	Pirenópolis	6,0
<b>Total</b>	<b>78,0</b>	<b>Total</b>	<b>56,0</b>
<b>Transformação</b>			
<b>Municípios</b>	<b>1985</b>	<b>Municípios</b>	<b>2000</b>
Goiânia	44,0	Goiânia	37,0
Anápolis	18,0	Anápolis	11,0
Niquelândia	6,0	Aparecida de Goiânia	8,0
Itumbiara	3,0	Trindade	4,0
Aparecida de Goiânia	3,0	Rio verde	3,0
<b>Total</b>	<b>74,0</b>	<b>Total</b>	<b>63,0</b>
<b>Serviços Industriais de Utilidade Pública</b>			
<b>Municípios</b>	<b>1985</b>	<b>Municípios</b>	<b>2000</b>
Goiânia	88,0	Goiânia	63,0
Itumbiara	2,0	Anápolis	5,0

Anápolis	2,0	Aparecida de Goiânia	2,0
Formosa	1,0	Luziânia	2,0
Ceres	1,0	Jataí	2,0
<b>Total</b>	<b>94,0</b>	<b>Total</b>	<b>74,0</b>
<b>Construção civil</b>			
<b>Municípios</b>	<b>1985</b>	<b>Municípios</b>	<b>2000</b>
Goiânia	71,0	Goiânia	60,0
Cachoeira Dourada	5,0	Anápolis	12,0
Aparecida de Goiânia	4,0	Ceres	6,0
Anápolis	2,0	Aparecida de Goiânia	3,0
Cristalina	2,0	Caldas novas	2,0
<b>Total</b>	<b>84,0</b>	<b>Total</b>	<b>83,0</b>
<b>Indústria</b>			
<b>Municípios</b>	<b>1985</b>	<b>Municípios</b>	<b>2000</b>
Goiânia	55,0	Goiânia	43,0
Anápolis	10,0	Anápolis	9,0
Niquelândia	3,0	Aparecida de Goiânia	9,0
Aparecida de Goiânia	3,0	Luziânia	3,0
Minaçu	2,0	Jataí	3,0
<b>Total</b>	<b>73,0</b>	<b>Total</b>	<b>67,0</b>

Fonte: RAIS (1985 e 2000). Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 22 mostra que entre os anos de 1985 e 2000, a participação relativa do consumo de energia elétrica de Goiás no Brasil ampliou-se de 1,6% para 2,2%. Além disso, comparativamente aos períodos anteriores, verifica-se que a estrutura interna de consumo de energia goiana passou a ter maiores participações do consumo de energia elétrica na modalidade industrial. Ademais, considerando-se o início da série analisada em 1961, a participação relativa do consumo de energia elétrica na modalidade industrial de Goiás no nacional registrou ampliação de 1,2 (p.p.), o que sinaliza uma intensificação da industrialização no Estado.

Tabela 22: Consumo de energia em Goiás e Brasil, 1985, 1995 e 2000.

<b>1985</b>			
<b>Consumo em MWh</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>	<b>(%) GO / BRA</b>
Consumo residencial	722.264	32.652.977	2,2
Consumo industrial	885.300	79.939.417	1,1
Consumo comercial	356.472	18.294.937	1,9
Outros	455.536	23.056.467	2,0
<b>Total</b>	<b>2.419.572</b>	<b>153.943.798</b>	<b>1,6</b>
<b>Estrutura relativa (em %)</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>	<b>Diferença em p.p.</b>
Consumo residencial	29,9	21,2	8,6
Consumo industrial	36,6	51,9	-15,3
Consumo comercial	14,7	11,9	2,8
Outros	18,8	15,0	3,8
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>0,0</b>
<b>1995</b>			
<b>Consumo em MWh</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>	<b>(%) GO / BRA</b>

Consumo residencial	1.699.745	63.580.982	2,7
Consumo industrial	1.431.958	111.708.661	1,3
Consumo comercial	702.110	32.285.509	2,2
Outros	1.009.251	36.314.743	2,8
Total	4.843.064	243.889.895	2,0
<b>Estrutura relativa (em %)</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>	<b>Diferença em p.p.</b>
Consumo residencial	35,1	26,1	9,00
Consumo industrial	29,6	45,8	-16,20
Consumo comercial	14,5	13,2	1,30
Outros	20,8	14,9	5,90
Total	100,0	100,0	0,00
<b>2000</b>			
<b>Consumo em MWh</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>	<b>(%) GO / BRA</b>
Consumo residencial	2.334.661	83.613.374	2,8
Consumo industrial	1.687.864	131.278.172	1,3
Consumo comercial	1.051.168	47.626.193	2,2
Outros	1.542.546	45.011.034	3,4
Total	6.616.240	307.528.772	2,2
<b>Estrutura relativa (em %)</b>	<b>Goiás</b>	<b>Brasil</b>	<b>Diferença em p.p.</b>
Consumo residencial	35,3	27,2	8,1
Consumo industrial	25,5	42,7	-17,2
Consumo comercial	15,9	15,5	0,4
Outros	23,3	14,6	8,7
Total	100,0	100,0	0,0

Fonte: Brasil MME (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

No que tange à distribuição da indústria ao longo do território goiano, a tabela 23 sugere, de modo geral, que o VA da indústria goiana é bastante concentrado, com índice de Gini situando-se em patamares bastante elevados. Entre os anos de 1985 e 1995, ao se analisar conjuntamente a concentração dos 5 municípios com maiores VAs industriais e o índice de Gini, verifica-se uma pequena ampliação da concentração do VA industrial.

Todavia, ao se analisar o ano de 2000, verifica-se certa desconcentração do VA industrial da capital em prol de municípios de médio porte. Este resultado fica ainda mais nítido ao se analisar o índice de Gini que se reduziu em 0,069 (p.p.).

De certa forma, esses resultados são decorrência das políticas fiscais e creditícias de estímulos à industrialização nos municípios goianos. Neste âmbito, é importante uma breve digressão. Segundo Arriel (2017, p. 175) “o Fomentar contribuiu de forma ativa para a expansão industrial no estado, chegando a aprovar 1.565 projetos, sendo efetivados 364, com grande parte de grandes empreendimentos industriais relacionados à agroindústria”.

Em relação às agroindústrias neste contexto, “o modelo de integração que vem se delineando em Goiás [...] absorve características das duas dinâmicas: a agroindústria age como elemento exógeno, articulando os produtores agrícolas locais, porém, trata-se de médios e grandes produtores, com capacidade de operar em escalas elevadas” (DA SILVA, 2002, p. 142).

Ainda, segundo Arriel (2017, p.175) o Fomentar, “conforme a lei estadual 13.591, de 18 de janeiro de 2000, foi criado com o objetivo de expandir, modernizar e diversificar o setor industrial

goiano, promovendo a elevação da competitividade do estado, a geração de emprego e renda, além de permitir a redução das desigualdades sociais e regionais.”

Destaca-se, também, como reforço ao processo de industrialização do Estado, o FCO criado pela Constituição Federal de 1988, no artigo 159, e regulamentados pela Lei n.º 7.827/89 como o objetivo de contribuir para o desenvolvimento econômico e social da região Centro-Oeste, na qual se insere Goiás.

De acordo com Oliveira et. al. (2014, p.22),

As principais linhas do programa Empresarial são a de Desenvolvimento Industrial e a de Comércio e Serviços. No que diz respeito aos valores (a preços de 2011) financiados nessas linhas, existe um predomínio da mesorregião Centro, que acumulou quase 70% do volume de financiamento nos anos de 2004 e 2011. O valor médio dos financiamentos da primeira linha foi de aproximadamente R\$ 200 mil nas mesorregiões Centro e Sul, entretanto, os financiamentos médios na segunda linha foram de R\$ 97 mil no Centro e de R\$ 61 mil no Sul.

Conforme supracitado, nos municípios de Goiânia, Anápolis e Aparecida de Goiânia há uma grande diversificação do setor industrial, com destaque para a indústria de fabricação de produtos alimentícios. Em São Simão a presença da Usina Hidroelétrica de São Simão é a principal explicação para o elevado VA deste município.

Em relação à presença de Catalão como município de destaque no VA industrial, isto se deve diretamente à sua indústria extrativa que é bastante diversificada. Segundo o IMB (2017) “repleto dos mais variados tipos de minérios, sendo que o diamante em particular é explorado no município desde o início do século XIX. O município possui ainda algumas das maiores jazidas minerais do Estado de Goiás, [...] Todavia, apenas alguns desses minérios são explorados, como é o caso do nióbio, do fosfato e das argilas, exploradas por várias companhias ceramistas instaladas no município [...]” e também da presença de importantes indústrias de transformação, com destaque para a indústria automotiva.

Tabela 23: Participação relativa (em %), por atividades, dos municípios com maior participação no VA da indústria de Goiás e índice de Gini, 1985, 1996 e 2000.

Municípios	1985	Municípios	1996	Municípios	2000
Goiânia	34,7	Goiânia	52,3	Goiânia	36,8
Anápolis	11,2	Aparecida de Goiânia	6,1	Anápolis	6,9
Catalão	6,3	Caldas Novas	5,1	São Simão	4,9
Niquelândia	6,1	Anápolis	3,0	Catalão	3,4
Minaçu	4,9	Senador Canedo	2,1	Aparecida de Goiânia	2,7
<b>Total</b>	<b>63,2</b>	<b>Total</b>	<b>68,5</b>	<b>Total</b>	<b>54,6</b>
<b>Gini</b>	<b>0,925</b>	<b>Gini</b>	<b>0,934</b>	<b>Gini</b>	<b>0,865</b>

Fonte: IPEA (2017).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Observação: Elaboração do IPEA pelo rateio do PIB de serviços a custo de fatores, em nível estadual, do IBGE, e pela estimativa do valor adicionado no setor de serviços dos municípios do estado, calculado pela soma do valor da produção e outras receitas menos as despesas de consumo intermediário com base nos Censos dos respectivos anos.

A terceira seção deste trabalho mostrou que no período de 1980 a 2001, a atividade industrial goiana continuou ampliando a sua participação no cenário nacional e, progressivamente, a composição do VA goiano passou a ter cada vez mais participação do VA industrial.

Verificou-se que neste período as políticas fiscais e creditícias, através do Fomentar e FCO, foram fundamentais para justificar este crescimento e a uma maior, porém tímida, dispersão da indústria ao longo dos municípios goianos – o que inclusive foi sugerido a partir da diminuição do índice de Gini que denota maior desconcentração do VA industrial, nos anos 2000.

Assim, embora o VA industrial continuasse amplamente concentrado em Goiânia e municípios vizinhos, houve ligeira dispersão do VA industrial na direção de outros municípios, muito em razão das instalações das agroindústrias, que eram a tipicidade industrial adotada pelo Fomentar.

A maior representatividade da indústria goiana fez com que a estrutura interna de consumo de energia goiana passasse a ter progressivamente maior participação do consumo de energia elétrica na modalidade industrial.

Ademais, outro importante resultado para a economia goiana foi a ampliação em 0,69 (p.p.) de sua participação relativa no total de empregos formais nacional, entre 1985 e 2000, com destaque para os segmentos de indústria de transformação e de construção.

#### **4 Os anos 2000 a 2014**

De acordo com Miyamoto (2010), a partir de 1995 o Brasil passou por verdadeiras transformações no seu arcabouço político-institucional dentro de um cenário internacional em que predominavam: maior integração e interdependência comercial dos países, o surgimento de inúmeros blocos e acordos comerciais, ampliação de fluxos de investimentos externos que se dão a partir da maior presença das corporações transnacionais que se instalavam em países em desenvolvimento.

Tratava-se, portanto, do surgimento de um novo paradigma, o processo de globalização, a integração econômica financeira, cujos sinais foram mais latentes na economia nacional a partir da década de 90 e que produziram uma verdadeira revolução no comércio internacional bem como, na esteira do processo, no setor industrial nacional e em suas diversas unidades da Federação.

A maior abertura comercial e financeira que foi sendo implementada na economia nacional a partir do plano real e que se sucedeu nas décadas seguintes modificou bastante a estrutura econômica nacional. Nesse período houve a entrada de novos *players* (empresas multinacionais) e produtos no comércio nacional, tal como a presença de novas instituições financeiras. Ou seja, de modo geral, houve uma maior internacionalização da economia nacional.

Nessa direção, o setor industrial de Goiás, no período de 2002 a 2014, teve resultados bastante satisfatórios, ampliando sua participação relativa no VA nacional de 2,61% para 2,94% (tabela 24). Isto possibilitou a Goiás figurar como a nona unidade da Federação de maior VA industrial, no ano de 2014.

Em termos setoriais, a indústria de transformação, que já apresentava uma participação relativa expressiva em relação à indústria nacional, consegue ainda elevá-la em 0,52 (p.p.), na comparação entre os anos de 2002 e 2014.

Embora a tabela 24 apresente uma redução da participação relativa do VA da indústria extrativa goiana no contexto nacional, este fato deve ser analisado com cautela. Ao contrastar a tabela 24 com o gráfico 4, percebe-se que na estrutura interna do VA industrial goiano, a indústria extrativa mantém a sua participação vis-à-vis às demais atividades. Assim, o que se sugere é que outras UFs vêm ampliando ainda mais a sua participação relativa na atividade extrativa.

Outrossim, a ampliação da atividade extrativa em outras UFs é um movimento calcado em vários aspectos, como a maior integração da economia nacional, da tentativa de interiorização da indústria, da possibilidade da utilização de recursos naturais e minerais de UFs que ainda apresentam elevado potencial de utilização (LIMA, 2007).

Ademais, a tabela 24 apresenta elevadas e crescentes participações relativas das atividades de SIUP e construção civil no contexto nacional, o que serve como parâmetro para a dinâmica econômica recente de Goiás (2002-2014). Isto ocorre principalmente pela confluência de políticas governamentais estaduais. Por um lado, políticas de incentivos fiscais têm permitido uma maior interiorização da indústria em Goiás, por outro lado, planejamentos governamentais que preconizam uma maior integração dos diversos municípios por meio de obras de infraestruturas.

Tabela 24: Participação relativa do VA da indústria goiana e de suas atividades no nacional, no período de 2002 a 2014.

Ano	Indústria	Indústria extrativa	Indústria de transformação	SIUP	Construção
2002	2,61	1,40	2,25	4,80	2,63
2003	2,54	1,10	2,14	5,11	2,88
2004	2,54	1,17	2,02	5,20	3,23
2005	2,50	0,73	2,30	4,29	3,13
2006	2,60	0,56	2,53	4,26	3,27
2007	2,86	1,66	2,49	4,72	3,79
2008	2,81	0,78	2,68	5,53	3,42
2009	3,13	1,67	3,00	4,61	3,32
2010	2,92	0,90	2,75	4,53	3,69
2011	2,80	0,92	2,64	4,54	3,73
2012	2,98	0,84	3,16	5,04	3,35
2013	3,05	0,63	3,23	5,08	3,63
2014	2,94	0,52	2,77	5,08	4,08

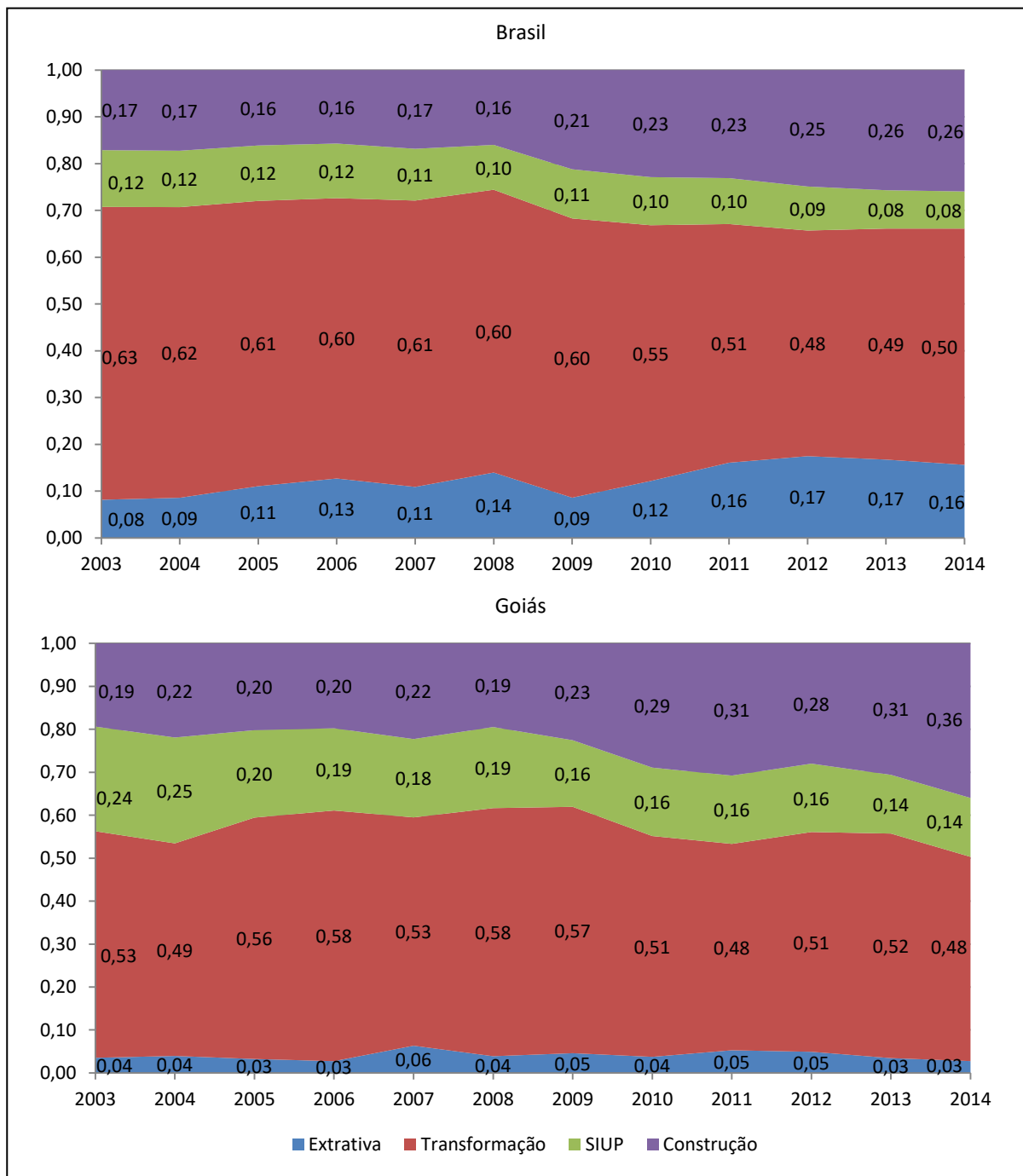
Fonte: Produto Interno Bruto (IBGE). Elaboração:

Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Por meio do gráfico 4 verifica-se, ao comparar a estrutura do VA industrial nacional ao goiano, algumas diferenças significativas em termos de preponderância de atividades no VA. Verifica-se em Goiás, vis-à-vis à nacional, participações bem superiores das atividades de SIUP e principalmente de construção civil.

Em relação à indústria de transformação, verifica-se que tanto no âmbito da economia goiana quanto da nacional, esta é a atividade preponderante em termos de distribuição do VA industrial. Verifica-se que no começo da série, a diferença em pontos percentuais entre a participação deste segmento no Brasil e em Goiás era de 0,10 ponto percentual, reduzindo-se para 0,02 ponto percentual, em 2014. Isto, aliado ao incremento de participação relativa da indústria de transformação na economia nacional, revela que Goiás tem atraído mais empresas no segmento de transformação para a sua economia.

Gráfico 4: Estrutura do VA industrial de Goiás e Brasil no período de 2003 a 2014.



Fonte: Produto Interno Bruto (IBGE).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.



Analisando-se a tabela 25, afere-se que as estruturas de empregos formais em Goiás e no Brasil são semelhantes, mormente nas atividades que compõem o setor industrial. Além disso, nota-se certa correspondência entre o número de empregos formais e as atividades de maior participação relativa no VA de indústria. Conjuntamente, as atividades que formam o setor industrial, ou seja, extrativa mineral, transformação, SIUP e construção civil, responderam por cerca de ¼ do estoque de trabalho formal goiano e nacional no período analisado.

Visualiza-se na tabela 25 que a atividade industrial consegue ampliar, entre 2002 e 2014, a sua participação na estrutura de empregos em 3,2 (p.p.) em Goiás. Outro aspecto importante a se observar na comparação entre a tabela 25 e o gráfico 4 é que a ampliação da participação relativa do VA da atividade de construção na estrutura de indústria foi acompanhada por uma ampliação do emprego formal nessa atividade, porém de maneira menos intensa. Assim, sugere-se que parte significativa da expansão da construção que se deu no âmbito nacional e regional deve-se, também, por conta do mercado de trabalho informal, uma vez que esta atividade é altamente intensiva em trabalho como fator de produção.

Tabela 25: Participação relativa (%) do número de empregos formais em Goiás e no Brasil em 2002, 2010 e 2014.

Setores	2002	2010	2014
<b>Goiás</b>			
<b>Extrativa Mineral</b>	4.012 (0,5)	7.708 (0,6)	8.595 (0,6)
<b>Indústria de Transformação</b>	112.528 (14,4)	204.593 (15,6)	251.031 (16,6)
<b>SIUP</b>	7.762 (1,0)	8.988 (0,7)	12.285 (0,8)
<b>Construção Civil</b>	30.914 (4,0)	76.504 (5,8)	77.684 (5,1)
<b>Comércio</b>	141.243 (18,1)	251.159 (19,1)	303.640 (20,0)
<b>Prestação de Serviços</b>	219.310 (28,1)	344.557 (26,2)	448.603 (29,6)
<b>Administração Pública</b>	217.519 (27,8)	338.436 (25,8)	322.157 (21,3)
<b>Agropecuária</b>	48.155 (6,2)	81.696 (6,2)	90.537 (6,0)
<b>Total</b>	<b>781.443</b>	<b>1.313.641</b>	<b>1.514.532</b>
<b>Brasil</b>			
<b>Extrativa Mineral</b>	122.801 (0,4)	211.216 (0,5)	257.606 (0,5)
<b>Indústria de Transformação</b>	5.209.774 (18,2)	7.885.702 (17,9)	8.171.022 (16,5)
<b>SIUP</b>	310.366 (1,1)	402.284 (0,9)	450.098 (0,9)
<b>Construção Civil</b>	1.106.350 (3,9)	2.508.922 (5,7)	2.815.686 (5,7)
<b>Comércio</b>	4.826.533 (16,8)	8.382.239 (19,0)	9.728.107 (19,6)
<b>Prestação de Serviços</b>	9.182.552 (32,0)	14.345.015 (32,6)	17.313.495 (34,9)
<b>Administração Pública</b>	6.787.302 (23,7)	8.923.380 (20,2)	9.355.833 (18,9)
<b>Agropecuária</b>	1.138.235 (4,0)	1.409.597 (3,2)	1.479.663 (3,0)
<b>Total</b>	<b>28.683.913</b>	<b>44.068.355</b>	<b>49.571.510</b>

Fonte: RAIS (2002, 2010 e 2014).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 26 mostra que Goiás ampliou em 0,4 (p.p.) a sua participação nacional relativa no total de empregos formais entre 2002 e 2014. É importante observar que a participação relativa do número de empregos gerados pela indústria extrativa goiana no cenário nacional é superior à participação de outras atividades que apresentam maior expressividade em termos de VA, o que denota a importância desta atividade para Goiás.

Tabela 26: Participação relativa (em %) do número de emprego formal de Goiás no Brasil em 2002, 2010 e 2014.

Setores	2002	2010	2014
<b>Extrativa Mineral</b>	3,3	3,6	3,3
<b>Indústria de Transformação</b>	2,2	2,6	3,1
<b>SIUP</b>	2,5	2,2	2,7
<b>Construção Civil</b>	2,8	3,0	2,8
<b>Comércio</b>	2,9	3,0	3,1
<b>Prestação de Serviços</b>	2,4	2,4	2,6
<b>Administração Pública</b>	3,2	3,8	3,4
<b>Agropecuária</b>	4,2	5,8	6,1
<b>Total</b>	<b>2,7</b>	<b>3,0</b>	<b>3,1</b>

Fonte: RAIS (2002, 2010 e 2014).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Comparativamente a períodos anteriores, a tabela 27 revela que de modo geral, a participação relativa dos cinco municípios mais concentradores de emprego se reduziu, embora permanecesse elevada. Além disso, comparando-se os municípios de destaque no ano de 2002 a 2014, percebe-se que não houve alterações consideráveis.

Conforme dito anteriormente, a indústria de transformação é o principal centro dinâmico da atividade industrial goiana, o que justifica a forte aderência entre os municípios de destaque tanto em nível setorial, quanto em nível de atividade.

Dos empregos formais dos serviços industriais de utilidade pública (SIUP) percebe-se uma concentração do emprego em Goiânia e nos municípios de seu entorno, o que está relacionado à extensão geográfica e ao tamanho da população. Além disso, conforme dito anteriormente, esta atividade é prestada, em grande medida, nos municípios do interior goiano por empresas estatais cuja sede administrativa fica em Goiânia e, conseqüentemente, os empregados.

Os dados relativos à atividade de construção civil corroboram a forte relação deste setor com a dimensão econômica dos municípios. Assim, municípios com maiores PIBs tendem a ter neste setor um de seus alicerces motriz da sua indústria e economia. Contudo, é importante salientar que uma parcela significativa da geração de emprego neste setor tende a ocorrer na informalidade, o que acaba subestimando os dados apresentados.

Ainda em relação à tabela 27, verifica-se que o setor de extrativa mineral não sofreu fortes alterações nos cinco municípios de maior participação relativa na geração de emprego. Conforme supradestacado, Niquelândia, Minaçu e Crixás têm impulsionado este segmento através das atividades da mineração de níquel, amianto e ouro, respectivamente. Em relação a Barro Alto, o destaque se dá através da atividade de mineração do níquel, enquanto em Alto Horizonte pela extração de ouro e sulfeto de cobre.

É imprescindível observar que os municípios que se destacam nos segmentos de indústria extrativa, na tabela 27, têm certas peculiaridades, geralmente são municípios pouco populosos, apresentam economia com baixa diversificação e de localização mais distante em relação ao centro dinâmico do estado. De um lado, tais características refletem um aspecto positivo, que faz com que esses municípios apresentem elevado PIB *per capita*. No entanto, por outro lado, tais municípios acabam tendo a sua dinâmica econômica centrada em apenas uma atividade, que geralmente apresenta-se em um mercado estruturado por um número bastante reduzido de empresas – haja vista as enormes barreiras à entrada deste segmento (BAIN, 1956).

Assim, flutuações negativas nestas atividades, que podem ser advindas de diversos fatores, tais como queda no preço do mercado internacional – para onde geralmente é destinada a venda dos produtos deste segmento, normalmente *commodities* –, acabam se traduzindo em efeitos altamente nocivos para a população destes municípios. É o caso ocorrido no município de Niquelândia em 2016, com o fechamento da empresa Votorantim que desempregou ao menos 800 funcionários (Correio, 2016).

Tabela 27: Participação relativa (em %) municipal no número de emprego formal em Goiás da indústria, atividades extrativa mineral, transformação, serviços de utilidade em 2002 e 2014.

<b>Extrativa Mineral</b>			
<b>Municípios</b>	<b>2002</b>	<b>Municípios</b>	<b>2014</b>
Niquelândia	16,5	Crixás	13,6
Crixás	12,8	Niquelândia	11,3
Catalão	10,8	Barro Alto	11,2
Minaçu	10,6	Minaçu	7,6
Aparecida de Goiânia	6,9	Alto Horizonte	6,1
<b>Total</b>	<b>57,6</b>	<b>Total</b>	<b>49,8</b>
<b>Transformação</b>			
<b>Municípios</b>	<b>2002</b>	<b>Municípios</b>	<b>2014</b>
Goiânia	33,8	Goiânia	20,6
Anápolis	10,3	Anápolis	11,7
Aparecida de Goiânia	7,5	Aparecida de Goiânia	8,4
Rio Verde	5,5	Rio verde	5,9
Trindade	3,1	Itumbiara	3,3
<b>Total</b>	<b>60,2</b>	<b>Total</b>	<b>49,9</b>
<b>Serviços Industriais de Utilidade Pública</b>			
<b>Municípios</b>	<b>2002</b>	<b>Municípios</b>	<b>2014</b>
Goiânia	75,8	Goiânia	62,1
Rio verde	2,2	Aparecida de Goiânia	8,5

Aparecida de Goiânia	1,5	Anápolis	6,2
Ceres	1,3	Catalão	2,8
Caldas Novas	1,3	Jataí	1,9
<b>Total</b>	<b>82,1</b>	<b>Total</b>	<b>81,5</b>
<b>Construção civil</b>			
<b>Municípios</b>	<b>2002</b>	<b>Municípios</b>	<b>2014</b>
Goiânia	55,8	Goiânia	50,5
Aparecida de Goiânia	10,5	Aparecida de Goiânia	12,5
Anápolis	4,1	Anápolis	5,0
Rio Verde	3,4	Rio Verde	3,3
Caldas Novas	2,9	Caldas novas	2,1
<b>Total</b>	<b>76,7</b>	<b>Total</b>	<b>73,4</b>
<b>Indústria</b>			
<b>Municípios</b>	<b>2002</b>	<b>Municípios</b>	<b>2014</b>
Goiânia	39,5	Goiânia	28,2
Anápolis	8,3	Anápolis	9,7
Aparecida de Goiânia	7,8	Aparecida de Goiânia	9,1
Rio Verde	4,8	Rio Verde	5,0
Catalão	2,5	Catalão	2,8
<b>Total</b>	<b>62,9</b>	<b>Total</b>	<b>54,8</b>

Fonte: RAIS (1985 e 2000).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A tabela 28 corrobora o esperado, ou seja, as concentrações de empregos formais resultaram em uma estrutura de PIB industrial municipal também concentrada, porém com ligeiro movimento de desconcentração ao se analisar o índice de Gini, nos anos de 2002, 2008 e 2014.

Além disso, em uma análise com periodicidade maior, destaca-se que em 1980 o índice de Gini era de 0,92 para a indústria geral, em Goiás, reduzindo-se em 0,054 ponto percentual, até o ano de 2014. Ademais, em nível nacional, em 2014, tal índice revela uma concentração de 0,906, ou seja, valor bastante superior ao verificado em Goiás.

Assim, de certa forma, esses resultados corroboram a acuracidade das políticas fiscais e creditícias de estímulos à industrialização nos municípios goianos, que têm sido capazes de promover maior crescimento industrial e de maneira mais desconcentrada, em termos municipais.

Também é importante ressaltar que, no ano de 2014, Goiânia apresentou o 17º maior VA industrial dentre todos os municípios brasileiros. Além disso, outro aspecto a ser observado é que os cinco municípios goianos de maiores VAs industriais estão situados entre os 3% de maiores VAs industriais a nível nacional.

Nessa direção, segundo Arriel (2017, p.184, grifo nosso):

O quarto período da indústria goiana é **marcado pela presença do governo estadual no apoio direto ao setor**, com políticas de incentivos financeiros e creditícios, e pela integração da agropecuária e indústria, desdobramento da tecnificação da primeira, importante evento do período anterior. Acrescenta-se,

ainda, a elevada demanda por commodities minerais no mercado internacional, atraindo grandes empreendimentos minero-industriais (sic) de fosfato e nióbio e de ferro-níquel. O resultado foi a aceleração de segmentos industriais processadores de insumos locais, como a indústria alimentícia, produção de etanol e extração e beneficiamento minerais. Por outro lado, segmentos como o de montagem de veículos e outros de indústrias acessórias às agroindústrias, foram atraídos para o estado. Há de se ressaltar, ainda, que a **crecente urbanização de Goiás**, com concentração populacional em alguns polos, permitiu o movimento de elevação da produção industrial num conjunto de municípios.

Tabela 28: Participação relativa (em %) por atividades dos municípios com maior participação no VA da indústria de Goiás e índice de Gini, 2002, 2008 e 2014.

Municípios	2002	Municípios	2008	Municípios	2014
Goiânia	24,3	Goiânia	18,3	Goiânia	23,9
São Simão	8,6	Anápolis	12,5	Anápolis	10,6
Anápolis	7,0	Catalão	10,1	Aparecida de Goiânia	8,0
Aparecida de Goiânia	5,8	Aparecida de Goiânia	5,9	Rio Verde	4,5
Minaçu	5,2	Rio Verde	5,5	Catalão	4,4
<b>Total</b>	<b>50,9</b>	<b>Total</b>	<b>52,3</b>	<b>Total</b>	<b>51,4</b>
<b>Gini</b>	<b>0,890</b>	<b>Gini</b>	<b>0,888</b>	<b>Gini</b>	<b>0,866</b>

Fonte: IPEA (2017). Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

Outro aspecto que revela a importância do setor industrial goiano é o crescimento do valor da transformação industrial que foi de 6,7% ao ano, em termos reais, entre 2007 e 2014, taxa bastante superior à registrada nacionalmente. Isto explica a elevação em 0,07 (p.p.) na participação do VTI goiano no nacional, conforme tabela 29.

Tabela 29: Valor da Transformação Industrial em Goiás e no Brasil (em R\$ mil), participação relativa de Goiás no VTI nacional (em %), ranking, taxas de crescimento nominal e real estimado.

Valor da Transformação Industrial	2007	2014
Goiás	11.487.634	28.073.822
Brasil	594.411.410	1.098.354.138
Participação VTI GO no Brasil	1,9	2,6
Ranking	11º	11º
Taxas de crescimento	Goiás	Brasil
Taxa de crescimento nominal (ao ano)	13,6	9,2
Taxa de crescimento real (ao ano) <sup>(*1)</sup>	6,7	2,5

Fonte: Pesquisa Industrial Anual (PIA/IBGE, 2015).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan-GO / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

(\*1) valores corrigidos pelo IPCA/IBGE.

A figura 1 apresenta os setores de destaque em Goiás através da distribuição do VTI em atividades, no ano de 2014. Verifica-se uma boa diversificação entre os setores, o que também explica o maior incremento verificado no VTI de Goiás ante o nacional. Outro aspecto a se destacar é a elevação em 4 pontos percentuais do setor de derivados de petróleo e biocombustíveis entre 2004 e 2014. Isto está alinhado à política agressiva do setor sucroenergético no meio rural goiano, que tem feito com que Goiás torne-se o segundo maior produtor de cana-de-açúcar e de etanol do Brasil. Tudo isso favorecendo muito a agroindústria goiana.

Figura 1: Principais setores da indústria goiana a partir do valor da transformação industrial.



Fonte: CNI (2017).

Adaptação: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A análise da tabela 30 reforça a diversificação da indústria goiana em diversos setores, com destaque para a indústria alimentícia e de bebidas que responde por cerca de 1/3 da indústria de transformação.

Tabela 30: Estrutura da Indústria do Estado de Goiás (participação no VA)

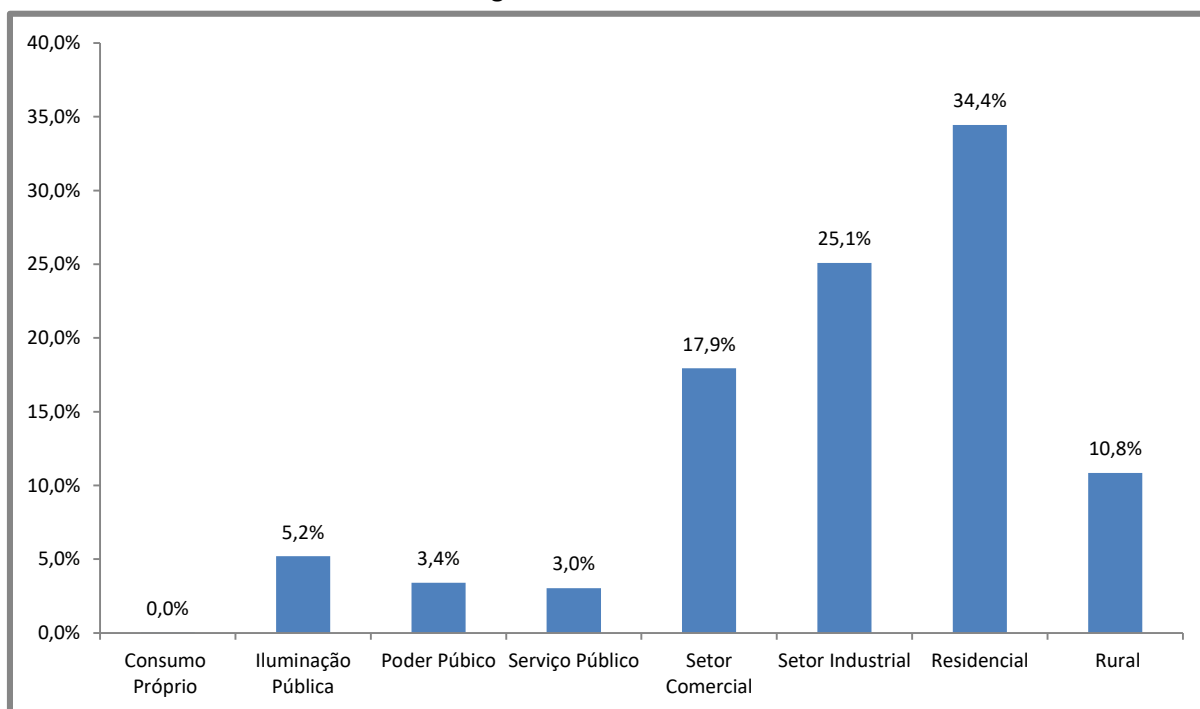
	2002	2014
Indústria de Transformação	100	100
Indústria alimentícia e de bebidas	48,1	31,3
Minerais não metálicos	20,8	3,8
Automóveis, camionetas e utilitários	1,0	4,9
Produtos químicos (adubos, fertilizantes e defensivos)	2,5	4,2
Fabricação de álcool	3,1	9,7
Medicamentos	3,5	6,4
Demais segmentos	21,0	39,7

Fonte: IBGE (2015).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan-GO / Gerência de Contas Regionais e Indicadores.

*Pari passu* ao avanço da atividade industrial em Goiás houve incrementos no consumo de energia elétrica neste estado. Assim, o consumo de energia em Goiás em 2016, respondeu por 3,6% de todo consumo nacional. Nas modalidades rurais e industriais teve participação de, respectivamente, 5,51% e 4,21%. É imprescindível sublinhar que na seção 1 deste trabalho, verificou-se que em 1961 a modalidade de consumo de energia elétrica industrial correspondia por apenas 0,13% desta modalidade em nível nacional. Em termos de estrutura de consumo no ano de 2016 verifica-se, pelo gráfico 5, que a modalidade mais expressiva de consumo foi a residencial, seguida pela industrial, comercial e rural.

Gráfico 5: Estrutura do consumo de energia elétrica em Goiás em 2016.



Fonte: Centrais elétricas de Goiás S/A (CELG) e Companhia Hidrelétrica São Patrício (CHESP).

Elaboração: Instituto Mauro Borges / Segplan / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas, 2017.

A última seção deste trabalho mostrou que no período de 2002 a 2014, a atividade industrial goiana continuou ampliando a sua participação na indústria nacional e progressivamente, a composição do VA goiano passou a ter cada vez mais participação do VA industrial.

Verificou-se que neste período as políticas fiscais e creditícias, através do Produzir e FCO, continuaram sendo fundamentais para justificar este crescimento de modo diversificado e disperso ao longo dos municípios goianos. Embora o índice de Gini ainda se mantenha em patamares bastante elevados, houve uma ligeira redução, o que denota maior desconcentração do VA industrial, sobretudo ao se confrontá-lo com os anos de 1980 e 2014. Uma estatística importante refere-se ao fato de que os 5 maiores VAs industriais municipais goianos estão dentre os 3% dos maiores VAs industriais do Brasil.

Outro aspecto que revelou uma forte dinâmica do setor industrial goiano em período mais recentes é o crescimento real do valor da transformação industrial que foi de 6,7% ao ano, entre 2007 e 2014, taxa bem superior à registrada nacionalmente (2,5%).

Em termos de mercado de trabalho, foi visualizada uma ampliação da participação dos empregos industriais goianos no contexto nacional e em sua estrutura interna de empregos. Ademais, apresentou-se o aspecto idiossincrático dos municípios que se desenvolvem em torno da indústria extrativa, que consiste, geralmente, na forte dependência econômica gerada destes municípios em torno da atividade extrativa, que corriqueiramente apresenta-se em um mercado estruturado por um número bastante reduzido de empresas – haja vista as enormes barreiras à entrada deste segmento.

Outrossim, ao longo dos anos com a maior representatividade do setor industrial na economia goiana houve uma ampliação do consumo de energia elétrica na modalidade de consumo industrial. Chamou a atenção que em 1961 esta modalidade de consumo correspondia por apenas 0,13% em nível nacional, se ampliando para 4,21% no ano de 2016.

#### **4. Considerações Finais**

Ao longo deste trabalho buscou-se sintetizar os principais aspectos da indústria goiana através das interpretações dos principais dados disponíveis. Em linhas gerais ao se comparar a gênese da indústria goiana, na primeira seção, com a indústria goiana vigente, percebe-se uma clara modificação de perfil, passando-se de atividades bastante triviais, que se resumiam ao processamento, em níveis básicos, de alimentos e animais, para uma estrutura industrial mais contemporânea, contemplando importantes empresas em seu território e com bom grau de diversificação entre suas atividades.

Assim, na primeira seção notou-se que, entre os anos de 1940 e 1970, a atividade industrial em Goiás ainda era pouco expressiva na comparação com os demais setores econômicos. Vimos que a agropecuária era o centro dinâmico da economia goiana, e que acabava espraiando sua dinâmica para as demais atividades. Assim, a incipiente indústria goiana se consolidava principalmente em torno de atividades relacionadas à agropecuária, como por exemplo, a produção de carnes,



processamento de couro, toucinho, dentre outros. Complementava-se com algumas atividades ligadas à extrativa vegetal e mineral.

Ademais, uma importante mudança da dinâmica municipal da indústria foi apontada por Arriel (2017), que foi a mudança da distribuição espacial da indústria goiana, saindo da região sul, sobretudo em Ipameri e Catalão, para as cidades de Anápolis e Goiânia.

Na segunda seção, visualizou-se que na década de 70, Goiás continuou ampliando a sua participação na economia nacional, o que era um objetivo onipresente do poder público goiano em diferentes décadas. Todavia, a atividade industrial que se ampliava ainda era pouco competitiva.

Em termos de distribuição espacial, a concentração continuava, sobretudo, nos municípios de Goiânia e Anápolis, que conjuntamente apresentavam participação relativa superior a 50% do VA industrial goiano, em 1980.

A terceira seção mostrou que no período de 1980 a 2001, a atividade industrial goiana continuou ampliando a sua participação na indústria nacional e progressivamente, a composição do VA goiano passou a ter cada vez mais participação do VA industrial. Mostrou-se que as políticas fiscais de isenções tributárias e creditícias, através do Fomentar e FCO, foram fundamentais para justificar este crescimento e engendrar uma maior, embora tímida, dispersão da indústria ao longo dos municípios goianos.

Assim, embora o VA industrial continuasse amplamente concentrado em Goiânia e municípios vizinhos, houve ligeira dispersão do VA industrial na direção de outros municípios, muito em razão das instalações das agroindústrias, que eram a tipicidade industrial mais estimulada pelo Fomentar.

Na última seção, período de 2002 a 2014, Goiás continuou ampliando a sua atividade industrial, as políticas fiscais de isenção tributária e creditícias, através do Produzir e FCO, continuaram sendo fundamentais para o setor industrial goiano. Nota-se isto pelo crescimento real do valor da transformação industrial que foi de 6,7% ao ano em boa parte do período, taxa bem superior à registrada nacionalmente (2,5%).

Um reflexo bastante positivo destas políticas foi uma ligeira desconcentração industrial em Goiás visualizada através do índice de Gini. Assim, embora este índice ainda se mantenha em patamares bastante elevados, ocorreu uma redução tanto ao se confrontar este indicador nos anos de 1980 e 2014, quanto ao se comparar com a média nacional.

Outro aspecto que revelou uma forte dinâmica do setor industrial goiano em período mais recente foi o crescimento real anual do valor da transformação industrial superior em mais de 4,2 pontos percentuais ao nacional, entre 2007 e 2014.

Em termos de mercado de trabalho, foi visualizada uma ampliação da participação dos empregos industriais goianos no contexto nacional e em sua estrutura interna de empregos.

Por fim, analisando-se o consumo de energia, que é *proxy* do crescimento industrial, verificou-se uma ampliação do consumo de energia elétrica na modalidade de consumo industrial

bastante significativa. Em 1961 esta modalidade de consumo em Goiás respondia por apenas 0,13% do total do consumo nacional, ampliando-se para 4,21% no ano de 2016.

A comparação de estatísticas pontuais, mostra que o estado de Goiás apresentava o segundo menor VA industrial dentre as UFs em 1947, o que representava 0,32% do VA industrial nacional. Já em 2014 era o nono maior VA industrial, representando 2,94% do nacional.

Além disso, em termos municipais, em 1949, os três maiores VAs industriais eram Anápolis, Ipameri e Goiânia, que representavam 0,16% do VA industrial nacional. Considerando o município de terceira colocação goiano, isto representava no cenário nacional a 270ª posição, dentre os 1.843 municípios que apresentavam VA industrial (IPEA, 2017).

Todavia, em 2014, conjuntamente os municípios de Goiânia, Anápolis e Aparecida de Goiânia representaram 1,2% de todo VA nacional, o que resultou nas posições de 17ª, 53ª e 85ª como os maiores VA municipais, o que possibilitou a estes municípios estarem dentro dos 1,5% maiores em nível nacional (IBGE, 2017).

Por fim, acredita-se que ao se analisar a indústria goiana em uma perspectiva histórica, ficou nítida que a atividade industrial em Goiás foi, ao longo dos anos, tornando-se cada vez mais importante para a economia deste Estado. O crescimento e a sua diversificação de atividades, especialmente em período mais recente, não se deram de maneira espontânea, mas, sobretudo, através de políticas creditícias e fiscais arrojadas, que têm servido como um diferencial para atrair importantes empresas para o território goiano.

## Referências

ALMEIDA, E. F. D. A; Bomtempo, J.V; Looty, M.; Bicalho, R.G.. Economia da Energia: fundamentos Econômicos, Evolução Histórica e Organização Industrial. Pinto Jr., H.Q. (Org.). Rio de Janeiro: Elsevier, 2007, 1ª edição.

ARRIEL, Marcos Fernando. **A dinâmica produtiva e espacial da indústria goiana**. 200 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017.

BAIN, J. **Barriers to New Competition**. Harvard University. Cambridge, Massachusetts, 1956.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Características do Emprego Formal segundo a Relação Anual de Informações Sociais. Brasília: 1985, 2000, 2002 e 2014.

CONSELHO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Perfil da Indústria nos Estados**. Disponível em: <<http://perfilestados.portaldaindustria.com.br/>>. Acesso em: 05 de set., 2017.

COSTA, C. **A economia contemporânea de Goiás**. Goiânia-GO, Editora: O Popular, 1987.

CORREIA-SILVA, D.C.; Rodrigues, M. Análise da eficiência do consumo de energia dos Estados Brasileiros. **Planejamento e Políticas Públicas**. Brasília: IPEA, nº46, jan/jul, 2016.

DA SILVA, Eduardo Rodrigues. **A Economia Goiânia no Contexto Nacional: 1970-2000**. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

FALEIRO, N.A.. Estudo sobre os efeitos socioeconômicos da industrialização na região sudeste de Goiás – 1980 a 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdades Alves Faria, Goiânia, 2010.

**FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E SOCIAL**. Agregados Regionais: Produto Interno Bruto em Goiás, 1970 -1979. Goiânia, 1981, 54f.

GIAMBIAGI, Fábio; VILLELA, André; CASTRO, Lavínia Barros e HERMANN, Jennifer. **Economia Brasileira Contemporânea (1945-2010)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, 2ª edição.

HIRSCHMAN, Albert O. (1958). **The strategy of economic development**. New Haven: Yale University Press.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. 1970 e 1980.

\_\_\_\_\_. **Censo industrial**. Diversos anos. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Industrial Anual**. 2015. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Produto Interno Bruto Municipal** – valor adicionado aos preços básicos. Brasília: IPEA. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 11 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Produto Interno Bruto**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 01 dez. 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **IPEA DATA**. Produto Interno Bruto Estadual– valor adicionado aos preços básicos. Brasília: IPEA. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em: 05 set. 2017.

INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Painéis municipais**. Catalão. Secretaria Estadual de Estado de Gestão e Planejamento. Goiânia/GO, 2017.

\_\_\_\_\_. **Produto Interno Bruto dos Municípios Goianos**. Secretaria Estadual de Estado de Gestão e Planejamento. Goiânia/GO, 2010 e 2014.

\_\_\_\_\_. **Banco de Dados Estatísticos de Goiás**. Energia elétrica. Secretaria Estadual de Estado de Gestão e Planejamento. Goiânia/GO, 2017.

MELLO, J.M. C. D. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 182p.

MIYAMOTO, S. As grandes linhas da política externa brasileira. **Texto para discussão CEPAL-IPEA**, Brasília, DF: IPEA, 2011.

MOTTER, A. M.; Aragão, B. D. O.. Pium: garimpos e garimpeiros de cristal de rocha do antigo norte de Goiás (1940-1950). Tocantins: 2015.

MYRDAL, G. **Economic theory and underdeveloped regions**. London: Methen, 1963.

LIMA, M. H. M. R. A indústria extrativa mineral: algumas questões socioeconômicas. Centro de Tecnologia Mineral. In: Francisco Rêgo Chaves Fernandes, Gerson Manuel Muniz de Matos, Zuleica Carmen Castilhos, Adão Benvindo da Luz. **(Org.)**. Tendências Tecnológicas Brasil 2015: geociências e tecnologia mineral. Rio de Janeiro: Cetem/MCT, 2007, v., p. 303-326.

OLIVEIRA, Guilherme Resende; ARRIEL, Marcos Fernando; DA SILVA, Leite Everaldo; LIMA, Alex Felipe Rodrigues. Análise espacial do fundo constitucional de financiamento do centro-oeste (FCO): o caso de Goiás. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Goiânia, 2014.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

**SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO**. Agregados Econômicos Regionais: Produto Interno Bruto em Goiás, 1970 -1984. Goiânia, 1986, 74f.

TAVARES, Maria da Conceição. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, 6ª edição.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE GOIÁS. **Assessoria à CPI do Endividamento, Relatório nº 01/2010**; 2010.

World Bank (2016). Disponível em: <http://www.worldbank.org/>. Acesso em: 26 set. 2017.

## Apêndice

Tabela 1: Série histórica do VA nominal do setor de indústria goiano de 1947 a 2014.

Ano	VA indústria goiano	Ano	VA indústria goiano
1947	31.391	1981	1.928.830
1948	41.638	1982	1.914.446
1949	49.461	1983	1.941.160
1950	50.145	1984	1.970.955
1951	42.455	1985	4.010.695
1952	51.667	1986	5.114.531
1953	48.946	1987	4.038.587
1954	46.701	1988	4.879.561
1955	54.964	1989	4.266.787
1956	62.909	1990	3.705.025
1957	74.441	1991	4.121.782
1958	79.182	1992	4.279.699
1959	104.984	1993	4.801.422
1960	110.377	1994	5.295.279
1961	116.591	1995	4.353.286
1962	111.166	1996	4.667.369
1963	139.605	1997	5.202.246
1964	147.772	1998	5.377.823
1965	168.478	1999	5.107.185
1966	127.077	2000	6.420.635
1967	165.893	2001	7.334.420
1968	160.983	2002	8.737.191
1969	218.331	2003	10.090.205
1970	342.477	2004	12.094.100
1971	433.576	2005	13.117.514
1972	546.936	2006	14.737.379
1973	748.997	2007	18.003.282
1974	912.016	2008	20.151.244
1975	1.176.408	2009	22.791.028
1976	1.362.716	2010	26.426.091
1977	1.453.815	2011	28.318.485
1978	1.811.703	2012	31.753.852
1979	2.004.860	2013	34.474.151
1980	2.090.822	2014	34.823.317

Fonte: De 1947 a 1969, Produto Interno Líquido a custo de fatores (em mil R\$ de 2000) elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (*apud* IPEA, 2016). De 1970 a 1984, Produto Interno Bruto a preços básicos em Cz\$ (em Cz\$ de 1970) elaborado pela Secretaria do Planejamento e Coordenação (1984). De 1985 a 2001, Produto Interno Bruto a preços básicos correntes (em mil R\$ de 2000) e de 2002 a 2014 (em mil R\$ de 2010), elaborado pelo IBGE.

# **Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas**

## **Equipe Técnica**

Eduiges Romanatto (Gerente)  
Sérgio Borges Fonseca Júnior

## **Publicação via web**

Vanderson Soares

## **Arte e capa**

Gustavo Crispim Pires Doia

## **Revisão gramatical**

José Pedro Morais de Araújo

*É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.  
Reproduções para fins comerciais são proibidas.*

Novembro-2017

**SEGPLAN**  
IMB - INSTITUTO MAURO BORGES  
DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

**SEGPLAN**  
SECRETARIA DE ESTADO DE  
GESTÃO E PLANEJAMENTO

